

Centro acolhe pessoas idosas

O Centro "Kudissanga Kuá Makota", no Cassequel do Lourenço, ocupa idosos com actividades como ginástica, aulas de alfabetização, costura, etc. **p. 8-9**



Falta limpeza e saneamento

Luanda continua a debater-se com o velho problema da limpeza e do saneamento básico. Ao que parece, o actual modelo de recolha de resíduos sólidos da província tem se revelado pouco eficaz. **p. 3**



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA

11 de Dezembro de 2017 • Ano 0 • Número 13 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

RADIOGRAFIA

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Cidade capital: Água chega a 46 por cento da população

Actualmente, cerca de 46 por cento da população da capital tem acesso à água potável, de acordo com Leonídio Ceita, Presidente do Conselho de Administração da Empresa de Águas de Luanda. A capacidade de produção actual é de 733.690 m³/dia, mas a distribuição é prejudicada pelo garimpo. **p. 29-31**



JOÃO XAVIER SIMÕES

O LEGADO DE UM CENTENÁRIO

No último dia oito, João Xavier Simões completou cem anos de uma existência carregada de fracassos, realizações e aventuras. Como herança, deixa nove filhos, 45 netos, 58 bisnetos e oito trinnetos. O homem já foi conhecido por Joãozinho das Garotas **p. 10-11**



RESISTENTE Apesar da idade, Joãozinho mostra boa saúde

MUNICÍPIO DE VIANA

CRESCIMENTO DESORDENADO NOS ZANGOS

O Distrito Urbano do Zango é uma zona em expansão. Todos os dias, recebe moradores saídos de vários pontos da cidade. Actualmente, nos zangos I, II, III e IV estão a surgir construções anárquicas, em locais inadequados. **p. 18**

IDENTIFICAÇÃO

TOPONÍMIA PROVOCA EXPECTATIVA

A informação segundo a qual está em curso um processo de regularização da toponímia e do número de Polícia - no quadro da renovação dos topónimos de Luanda - criou uma enorme expectativa. A mediada é aplaudida e ganha contributo de especialistas. **p. 4-5**

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

“KUDISSANGA KUÁ MAKOTA” NO CASSEQUEL

Os idosos comemoraram, a 30 de Novembro, mais uma efeméride. Contudo, apesar de terem uma data instituída em sua homenagem, muito ainda há a fazer por esta franja de pessoas, que representa o princípio de qualquer sociedade. Os “kotas”, como muitos gostam de os tratar, merecem a nossa atenção e apreço. Com muita dor de quem por eles se sensibiliza, ainda é notório, na nossa sociedade, idosos a serem desprezados pelos familiares e a morrerem como gente sem importância.

Esquecemo-nos de que hoje somos jovens, mas amanhã estaremos velhos. Dai a atenção que estes nos merecem e a importância que têm. É preciso perceber que a queda de princípios morais e de valores éticos que hoje se assiste na sociedade ocorre também devido à ausência dos mais velhos do processo de educação e ensino. “Os jovens fazem o que querem”. Uma frase recorrente, proferida, em tom de desabafo, por mais velhos que se sentem esquecidos e desvalorizados.

Mas há quem ainda sinta enorme estima pelos anciãos. São exemplos funcionários de lares de terceira idade, como o Beiral, onde os velhos permanecem até à morte, porque familiares lhes viraram as costas. No bairro Cassequel do Lourenço, rua 28, uma casa modesta, de estrutura antiga, acolhe todos os dias perto de 65 idosos, para actividades ocupacionais. Denominado “Kudissanga kuá Makota”, que, traduzido para Português, significa “encontro dos mais velhos”, o lugar junta idosos durante o dia em actividade ocupacional. Ao fim da tarde regressam a casa.

Os “kotas”, como muitos gostam de os tratar, merecem a nossa atenção e apreço.

Luandando



ROSALINA MATETA
Sub-Editora

ADEUS DO “EXECUTIVO” ENGAJA MAIS QUEM FICA

Tal como já foi notícia a nomeação do jornalista Caetano Júnior, ao cargo de Administrador para a Aérea de Conteúdos da Edições Novembro, EP, também passou a ser a despedida do então director executivo do Luanda, Jornal Metropolitano (LJM) do espaço “Nota do Dia”, que quinzenalmente assinava.

No dia 27 de Novembro, pelo seu punho, anunciou ao público o seu “distanciamento”, por inerência da função já enunciada. Caetano Júnior (CJ), na sua última nota, expressou, de certa maneira, pesar por deixar para trás o recém-nascido Metropolitano, fruto de uma gestação prolongada e de um parto difícil.

Para trás ficou também a equipa por ele liderada. Esta não se sente órfã, mas há, em todos, um sentimento de desamparo, embora compreendam que, como ele mesmo referiu, novos desafios por ele clamaram. De qualquer modo, registou-se a quebra de um vínculo muito estreito e o fim de um ciclo.

Expectante, a equipa permanece coesa, esperando que quem vier a ser nomeado, para ocupar a vaga deixada por CJ, dê continuidade ao projecto LJM e, consequentemente, mantenha a dinâmica de trabalho até aqui conseguida por todos, mas sustentada pela “pressão a todo terreno” do “executivo”, como a maioria na equipa o tratava. Mesmo sabendo que não existem dois seres humanos iguais e que as relações humanas nem sempre são tão pacíficas, dizemos “que venha o próximo”. Independentemente do carácter, rigor e disciplina de quem vier, cá estaremos para colaborar. Falo pelo grupo. Com o oxigénio absorvido do gestor passado, teremos fôlego para continuar a trabalhar por Luanda com o mesmo afinco.

Esperamos que, num futuro breve, o nosso Jornal esteja edificado em firmamento bem forte e seguro para que a metrópole que é Luanda o veja como mais um guardião seu, capaz de a proteger, radiografar e palmilhar cada passo da sua dinâmica, cada momento que a aflija ou a alegre. É muita responsabilidade.

Devemos ter consciência de que, de agora em diante, o comprometimento será maior, pois teremos de ser capazes de assegurar o que o jornal Luanda já conquistou, embora pouco. Devemos também inculcar nas nossas mentes que a responsabilidade maior é de quem fica no labor. À causa do Metro, como lhe chamo, devemos estar todos comprometidos.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



Casa Paris A MODA PERDEU PARA O CULTO

A Casa Paris, a boutique “chique” da baixa de Luanda, não resistiu ao tempo, quiçá, de crise financeira. Saiu de cena para dar espaço à Igreja Universal do Reino de Deus. As instalações, outrora a serviço da moda e dos seus amantes, hoje, serve a citada igreja. O leiteiro “Jesus Cristo é o Senhor, Universal” não deixa dúvidas.

A sala, onde, antes, pela vitrina, viam-se peças de roupa e outros acessórios de moda, está ocupada por um altar e dezenas de assentos que a montra já não deixa ver. Os vidros são opacos. Os cultos já começaram e acontecem praticamente todos os

dias, de manhã, à tarde e à noite. A mudança da alta-costura para os cultos não deixou os moradores e os que visitam a baixa indiferentes. Como não é comum, entre nós, instalar-se uma igreja no rés-do-chão de um edifício onde há gente a viver e que, por isso, é exigida a tranquilidade, a nossa questão é: quem, em sã consciência, autoriza a instalação de uma igreja no rés-do-chão de um edifício com moradores?

A administração da Ingombota parece concordar que a substituição da casa de moda pelo espaço de confissão religiosa merece atenção. De tal modo que ameaça punir a Igreja Universal.

NM

A palavra ao leitor



Vias escuras

Não sei se sou o único a observar isso. Mas, ultimamente, sempre que passo pela estrada da Samba, lá para os lados do ENAD, em plena manhã, os postos de iluminação pública estão sempre acessos. Não sei se é esquecimento, mas isso acontece sempre. O meu espanto é que, no período da noite, os postos estão apagados. Alguém pode explicar-me isso?

Manuel Garcia
Futungo

Rua da concha

Com as chuvas a dar uma espreitadela na cidade de Luanda, muitos ad-

ministradores estão parecem assustados. Talvez seja o caso do Benfica. Uma rua inteira, de ponta a ponta, está coberta de conchas. Não sabemos se a ideia resolve o problema das chuvas. A única certeza é que a solução é um incómodo para os moradores e os transeuntes.

Rosa Lopes
Benfica

Crianças perdidas

Nos anos 1990, era comum, quando uma criança se perdesse, os familiares procurarem-na com um bater de latas e dizeres sobre como estava vestida e outras particularidades. Voltei a ver esta cena no bairro Malangino e recordei-me do antigamente. Hoje, ainda é comum perderem-se crianças, mas, com o advento das novas tecnologias, as coisas são diferentes e um desaparecimento é resolvido mais facilmente.

Jorge Paulo
Golf 2

LUANDA

Directores Executivos: Cristina da Silva

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Secretária de redacção: Maria da Gama

Jornalistas: António Pimenta, Arcângela Rodrigues, Domiana N'jila, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango, Neusa de Menezes e Solange da Silva

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira & Adilson Félix

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **MAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril, Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha



SAÚDE
SECTOR REESTRUTURADO

A partir do próximo ano, a província de Luanda vai contar com um sector de Saúde reestruturado, com melhorias significativas na prestação de serviços e que vão ajudar a reduzir, consideravelmente, a mortalidade materno-infantil. A garantia é da directora do Gabinete Provincial da Saúde, Rosa Bessa.



CAZENGA
RUAS DIFÍCEIS DE LIMPAR

Garcia Almeida, um dos administradores da Elisal, disse que, em Agosto e Setembro, foram colocados nas ruas do Cazenga cerca de 200 contentores; em Outubro, constatou-se que 28 foram roubados. O responsável falou da dificuldade em manter limpa as ruas transformadas em praças a céu aberto.

LIXO

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Falta limpeza e saneamento à província

Atraso no pagamento de algumas empresas, operadoras de limpeza, ajuda a agudizar o quadro. Os munícipes também não colaboram.

Nilza Massango
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Luanda continua a debater-se com a velha problemática da limpeza e do saneamento básico. Ao que parece, o actual modelo de recolha de resíduos sólidos da província tem se revelado pouco eficaz, principalmente, quando os populares não fazem a sua parte: “depositar o lixo nos contentores, em horários e locais estabelecidos”. Continuam a aparecer os montes de lixo que perduram dias, em alguns passeios, ruas, becos e ruelas da cidade capital. Para piorar a situação, há o atraso no pagamento de algumas empresas, operadoras de limpeza.

A reportagem do Luanda, Jornal Metropolitano, constatou em algumas ruas e avenidas do Cazenga que os munícipes depositam o lixo em qualquer local e hora do dia. Quando os contentores ficam repletos, o lixo é deitado no chão. Por isso, há sempre montes à vista. Alguns moradores confirmaram que a recolha é feita e até, às vezes, fora dos horários estabelecidos.

No Cazenga, os contentores de li-

xo são roubados e vandalizados. A queima dos mesmos é constante, assim como a deposição do lixo em horas impróprias. Garcia Almeida, um dos administradores da Elisal, disse que, em Agosto e Setembro, foram colocados nas ruas do município cerca de 200 contentores; em Outubro, constatou-se que 28 foram roubados.

A Elisal é a empresa responsável pela limpeza do município do Cazenga. Garcia Almeida falou também da dificuldade em manter limpa ruas transformadas em praças a céu aberto.

A antiga avenida Brasil, no Distrito Urbano do Rangel, também vive o mesmo problema. Apesar de haver recolha, ainda se vêem contentores cheios, com lixo a transbordar.

“A recolha é deficiente e há também a falta de consciência de muitas pessoas. Por isso, vamos sempre ver lixo espalhado no chão”, disse um jovem, que passava pela avenida.

MODELO DE RECOLHA
SERÁ REVISTO

Numa reunião com os responsáveis das operadoras de limpeza, o governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, disse que há muito lixo na cidade,

situação que considerou “inconcebível e lastimável”. Apesar do atraso no pagamento das operadoras, pediu-lhes que continuem a trabalhar para tornar a capital num espelho.

Se essas empresas deixaram ou não de limpar por falta de pagamento, Adriano Mendes de Carvalho referiu que as têm capacidade suficiente para mudar o quadro, pois aproxima-se o período da quadra festiva e, com as chuvas, pode haver outros problemas, mais graves.

No seu conselho técnico alargado, o Governo da Província de Luanda decidiu rever o actual modelo de recolha e de cobrança da taxa de lixo. Pensa-se ainda em aumentar o número de operadoras, de modo a dar uma cobertura completa a todos os bairros da província. Ficou também assente que seja feito um trabalho profundo de sensibilização e educação cívica das populações, no sentido de saberem lidar com o lixo e o depositarem nas horas e locais estabelecidos.

REESTRUTURAÇÃO DO
SECTOR DA SAÚDE

A partir do próximo ano, a província de Luanda vai contar com um sector

de Saúde reestruturado, com melhorias significativas na prestação de serviços e que vão ajudar a reduzir, consideravelmente, a mortalidade materno-infantil.

O Governo da Província de Luanda criou um programa provincial de saúde, cujas linhas gerais passam por redesenhar a rede de unidades sanitárias, melhorar a gestão dos medicamentos e apostar na formação e treinamento clínico dos quadros.

A directora do Gabinete Provincial da Saúde de Luanda, Rosa Bessa, apontou que as acções essenciais passam pela reorganização da logística, pois observa-se que as direcções hospitalares fazem a sua compra de forma não muito organizada e alguns medicamentos ficam muito caros.

Rosa Bessa adiantou que a intenção fazer a compra de medicamentos em conjunto,

junto de fornecedores credenciados e a preços mais competitivos.

Quanto à questão da reorganização e referenciação da rede de postos e centros de saúde, Rosa Bessa disse que o objectivo é ter, nessas unidades, serviços com qualidade, para que as pessoas não procurem de imediato, outros níveis, como os hospitais.

Está previsto, para a província e os municípios, um centro provincial para imagem e diagnóstico. Em relação às ambulâncias, vai haver um parque com estes meios para servir as unidades sanitárias.

Rosa Bessa referiu que o perfil epidemiológico da província de Luanda é caracterizado pela malária, doenças diarreicas agudas e respiratórias agudas, sobretudo em crianças, sem esquecer a tuberculose e doenças crónicas, como a hipertensão e diabetes.



IDENTIFICAÇÃO ZONA MODERNA INCLUÍDA

Apesar de projectado conforme recomendam as normas de construção, a verdade é que o município do Talatona engrossa o quadro deficiente em que se encontra a toponímia de Luanda. Quem não vive ou frequenta a zona, com regularidade, pode, facilmente perder-se, por dificuldades de orientação.



LAURINDA PRAZERES DIPLOMA ESTABELECE REGRAS PARA OS NOMES

"... Até à entrada em vigor da Lei nº 14/16, de 12 de Setembro, Lei de Bases da Toponímia, não havia outro diploma de igual valor e conteúdo, que estabelecesse regras e princípios na atribuição de nomes às ruas, praças, largos, avenidas, aldeias ...".

TOPONÍMIA

JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO



Fim da criatividade popular na atribuição de nomes

Em Luanda, guiar-se na base de factores de localização ou de referência passou a ser a norma. Nova toponímia pode ajudar a mudar o quadro

Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O anúncio do Governo da Província sobre o processo em curso de regularização da toponímia e números de polícia, em Luanda, foi recebido com grande expectativa sobretudo a volta de pessoas entendidas na matéria. Trata-se de um problema antigo em cuja ausência aguçou a criatividade dos cidadãos na atribuição de nomes aos bairros e ruas. Estas e outras falhas tornaram Luanda uma província onde, há várias décadas, os seus habitantes guiam-se fundamentalmente na base de referências e factores de localização.

Pessoas abalizadas na matéria classificam os topónimos como autênticos veículos de unidade nacional e consideram a sua renovação uma "soberana oportunidade" para as autoridades de Luanda fazerem vincar esse pressuposto, sustentado pela lei base da To-

ponímia. "Penso que a existência da lei sobre toponímia torna a sua aplicação uma mais valia. Mas, mais do que isso, é importante que não fiquemos apenas pela expectativa. Desde 2009 que participo em várias comissões sobre o assunto, que infelizmente, não vincaram", afirmou o historiador Nsambu Vicente, reagindo ao anúncio da renovação da toponímia, feito recentemente pelo vice-governadora para o Sector Político e Social, Ana Correia Victor.

"Acho louvável a iniciativa de regularização da toponímia de Luanda. Penso que a existência da lei torna a sua aplicação uma mais-valia. Agora, é importante que não fiquemos apenas nesta expectativa, porque desde 2009 que venho participando em várias comissões sobre o assunto, que, infelizmente, não vincaram", disse.

O também docente universitário, cuja monografia de licenciamento e dissertação de mestrado incidiram sobre a temática da toponímia, considerou que



HISTORIADOR Nsambu Vicente aprova iniciativa do GPL

é preciso por ordem na atribuição de nomes aos bairros e a outros lugares.

Em Luanda, guiar-se na base de factores de localização ou de referência passou a ser a norma. Joana Tundilua é apenas um exemplo desta realidade. Por causa de um incêndio no interior da sua residência, esta moradora do Bairro Golfe II ficou sem a quase totalidade do seu mobiliário. Ela acredita que o prejuízo podia ter sido minorado, se os bombeiros não demorassem a chegar ao local da tragédia.

"Para os bombeiros chegarem até à minha residência, foi um verdadeiro Deus nos acuda. Dependemos muito de factores de localização, como por exemplo, o embondeiro x, a loja y, o restaurante h ou a roulotte azul", salienta.

Conhecido pelo emaranhado de casas, no interior do Golfe II, a circulação não constitui tarefa fácil. Joana Tundilua admite que a falta de placas com identificação das ruas pode levar a que se perca muito tempo para atingir o destino. Na verdade, é uma situação



**NSAMBU VICENTE
VEÍCULOS DE UNIDADE**

“Os topónimos podem ser veículos de unidade nacional e as autoridades de Luanda têm agora a soberana oportunidade de fazer vincar esta ideia, que tem sustento na Lei de Bases da Toponímia. A afirmação é do historiador Nsambu Vicente, reagindo ao anúncio da renovação dos topónimos.



**TOPONÍMIA
GRANDE IMPORTÂNCIA**

A toponímia assume um grande significado e importância, como elemento de identificação, e o povo tem sido mais eficaz em fazer vincar alguns nomes, muitas vezes das personalidades que marcaram épocas, usos e costumes no país, afirma historiador.

que acontece na maior parte dos bairros de Luanda.

LEI VIGORA HÁ UM ANO

A jurista Laurinda Prazeres, afecta ao Ministério da Administração do Território e Reforma do Estado, disse, em recente entrevista a este jornal, que, até à entrada em vigor da Lei nº 14/16, de 12 de Setembro, Lei de Bases da Toponímia, não havia outro diploma de igual valor e conteúdo, que estabelecesse regras e princípios na atribuição de nomes às ruas, praças, largos, avenidas, aldeias, povoações, bairros, vilas, cidades, distritos urbanos, comunas, municípios e províncias do país.

Morador do Bairro Rocha Pinto, Joel Sambongo, de 36 anos, cita o caso de uma rua, no local onde reside, com menos de 100 metros, mas com três nomes: “Rua da Fé, Rua Dr. Samuel e Rua de Hollywood”. “Para mim, isso confirma dificuldade que esperam principalmente, as administrações municipais e distritais em acompanhar a velocidade da auto-construção feita pela população que vive em bairros que surgiram nas últimas duas décadas”, disse.

Joel Sambongo traz à conversa um elemento que podia servir de alívio ao cidadão, mas que nem por isso ... Desde que estejam conectados à Internet, os telefones asseguram-nos uma fácil localização, explica o jovem. Porém, a realidade de Luanda não facilita. Ele justifica: se as ruas, praças, avenidas, largos e afins não possuem dados topónimos, a tecnologia, por mais avançada que seja, de nada serve.

“LABIRINTO DE VIAS”

Apesar de projectado conforme recomenda as normas de construção, a verdade é que Talatona engrossa o quadro deficiente em que se encontra a toponímia de Luanda.

“Qualquer pessoa que não vive ou frequenta com alguma regularidade a zona do Talatona perde-se nela com facilidade, porque as placas de identificação tem nomes muito vagos e criam dificuldades de orientação”, disse Joaquim Chaves, 32 anos, que há um ano trabalha naquela zona. Ele apelidou os topónimos ali existentes de “labirintos de vias”.

O jovem, que habitualmente faz-se transportar em viatura própria, confessou que, nas primeiras semanas de trabalho, encontrou imensas dificuldades para lidar com a situação. Além de acreditar que a decisão na atribuição de nomes às ruas do Talatona não levou em consideração os aspectos inerentes ao país e à população angolana, ressaltou que Angola é fértil em figuras que merecem ser homenageadas.

Joaquim Chaves lembrou que uma das consequências da toponímia irregular é velha e por vezes incómoda grafia casa ou rua sem número, vulgarmente abreviada com as letras S/N.



VAZIO o nome de alguns bairros, particularmente na periferia, são desconhecidos, até por parte das administrações municipais e distritais.

POVO TEM SIDO MAIS EFICAZ

O historiador e académico Nsambu Vicente afirma que a toponímia assume um grande significado e importância, como elemento de identificação, e o povo tem sido mais eficaz em fazer vincar alguns nomes, muitas vezes das personalidades que marcaram épocas, usos e costumes no país.

Nsambu Vicente assume que as autoridades terão muitas dificuldades em levar avante esta iniciativa, uma vez que concorre muito com a questão da urbanização da cidade. Para o êxito da empreitada, apontou a criação de uma equipa multidisciplinar, composta por antropólogos, historiadores, linguistas, arquitectos, psicólogos e sociólogos.

“É um trabalho profundo e, mais do que a conservação da memória colectiva, é fundamental definir quem deve ser a figura a ser homenageada” disse. Questionado os critérios de atribuição dos nomes, maioritariamente figuras ligadas à guerra, em detrimento de personalidades da religião, arte, docência ou do desporto, que eleva(ram) o nome de Angola no contexto internacional.

O académico define os critérios local, nacional e internacional na atribuição de um topónimo e resalta que é de todo importante que a comunidade se reveja nos feitos da figura

homenageada, para que a escolha seja consensual e um factor de unidade.

BAIRROS SEM REGISTO OFICIAL

No quadro do projecto que criou, denominado “Conheça a história do seu bairro”, em parceria com uma instituição de ensino superior, Nsambu Vicente concluiu que o nome de alguns bairros em Luanda, particularmente na periferia, são desconhecidos, até por parte das administrações municipais e distritais.

“Temos estado a trabalhar com o Governo Provincial de Luanda e o Ministério da Administração do Território e Reforma do Estado, no sentido de registar a história da criação dos bairros. Isso poderá facilitar a data de celebração destes, porque muitos não possuem identidade”, disse.

Antevendo a realização das autarquias, que têm na governação local a sua essência, Nsambu Vicente referiu que é necessária a criação de condições para aferir a origem dos bairros – alguns com nomes estranhos –, para permitir que a toponímia faça sentido. Na lista dos casos mais paradigmáticos, ele coloca os bairros Lixeira, Fubú, Catinton, Sossego, Hoji-Yetu, Bitá-Progresso, Belo Monte, Honga e Kapalanca. O académico sublinhou que o desrespeito aos topónimos impede que

muitos serviços funcionem correctamente.

“A toponímia assume um grande significado e importância, como elemento de identificação, orientação, comunicação e localização dos imóveis urbanos e rurais”, realçou.

O QUE DIZ A LEI?

De acordo com a Lei nº 14/16, de 12 de Setembro, Lei de Bases da Toponímia, a atribuição de nomes aos lugares é da competência das administrações das províncias, depois de ouvido o Conselho de Auscultação da Comunidade, sob proposta do órgão competente da Administração Local.

A atribuição dos nomes às províncias, municípios, comunas e distritos urbanos vai passar a ser da responsabilidade da Assembleia Nacional. Quanto aos nomes das cidades e vilas, a lei estabelece que a competência da atribuição é do Titular do Poder Executivo. O diploma legal estabelece ainda que podem apresentar propostas de nomes para os lugares os cidadãos individuais ou colectivos, as comissões de moradores, as diferentes organizações comunitárias e os órgãos competentes da Administração Comunal, da Administração do Distrito Urbano, da Administração Municipal, do Governo Provincial e da Autarquia Local. **AC**

GOVERNADOR SERVIÇOS HOSPITALARES EM TODOS OS MUNICÍPIOS

Adriano Mendes de Carvalho, governador da província, referiu que existe um processo, a nível do Governo da Província de Luanda, de descentralização, para que todos os municípios possam ter serviços eficientes em termos de hospitais.



ANTÓNIO PEREIRA FORMAÇÃO ABRANGEU ZONAS DE ICOLO E BENGO

O chefe dos serviços do INEFOP, António Agostinho Pereira, realçou que foram igualmente formados jovens nas áreas da agricultura, nas "Cidades Jovens do Sucesso" de Cabiri e Kalakala, no município do Icolo e Bengo. A formação atendeu mais de 100 especialidades.



KAPALANGA

CONTRÉIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



ABANDONO A infra-estrutura começou a ser construída em 2011, no município de Viana, e agora acolhe marginais

Morgue inacabada cai aos pedaços

Governador de Luanda visita infra-estruturas hospitalares e outras e pede mais respeito aos mortos

Nilza Massango
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Paredes vandalizadas, tecto a cair aos pedaços, chão com mosaico partido, quintalão coberto de capim e portas rompidas é o cenário que a equipa do Luanda, Jornal Metropolitano, viu na denominada morgue do Kapalanga.

O governador da província de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, visitou a infra-estrutura que começou a ser construída em 2011, no município de Viana.

A obra custou ao Estado cerca de três milhões de dólares, está paralisada e completamente vandalizada. As paredes já perderam a cor. O edifício foi

projectado para vários compartimentos, que agora servem de abrigo a jovens vadios.

Avaliado o estado da infra-estrutura, o governador da província de Luanda mostrou-se indignado com o quadro e garantiu a retoma das obras, anunciando que notificaria a empresa construtora.

Noutra unidade hospitalar, no município do Cazenga, o governador deparou-se com um quadro parecido, substanciado numa paralisação das obras que leva quatro anos. Trata-se do Centro de Saúde do Hoji-ya-Henda, que Adriano Mendes de Carvalho visitou, assim como infra-estruturas socioeconómicas e zonas críticas do município de Viana.

Adriano Mendes de Carvalho referiu que existe um processo, a nível do

Governo da Província de Luanda, de descentralização, para que todos os municípios possam ter serviços eficientes em termos de hospitais.

O governante disse ainda que a prioridade é a melhoria da qualidade de atendimento nos hospitais, de modo a que se evitem mortes desnecessárias. Apelou, também, a uma atenção especial às morgues, para que os mortos, nas comunidades, sejam tratados com a dignidade que se exige.

Adriano Mendes de Carvalho visitou também a bacia de retenção de águas do Taki, na sede municipal de Viana, a zona dos quatro campos, Luanda Sul, a ravina da Caop B e o Zango III, onde mandou paralisar algumas obras de moradias em curso.

A jornada de campo do governador ocorreu na passada terça-feira.

OFERTA

Mais profissionais no mercado de trabalho

Mais de 17 mil jovens formados em diversas profissões foram lançados para o mercado de emprego, em Luanda, numa cerimónia que teve lugar no Centro Integrado de Emprego e Formação Profissional do Kilamba.

O chefe dos serviços do Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional (INEFOP), António Agostinho Pereira, referiu que, no presente ciclo formativo, foram matriculados 20.149 jovens e que Viana foi o município com mais formandos, seguido do município de Luanda.

REGRAS PARA O EMPREENDEDORISMO

Durante a acção, foram ministradas mais de 100 especialidades e, além da componente técnica e tecnológica, os formandos aprenderam regras de empreendedorismo.

Agostinho Pereira referiu que a formação decorreu de forma satisfatória e que o nível de aproveitamento

esteve na ordem dos 80 por cento. O chefe dos serviços do INEFOP realçou que foram igualmente formados jovens nas áreas da agricultura, nas Cidades Jovens do Sucesso de Cabiri e Kalakala, no município do Icolo e Bengo.

MICRO-CRÉDITO PARA OS FORMADOS

No final ciclo de formação, alguns formados foram agraciados com micro-crédito do Banco Sol, com vista a criar o seu próprio negócios e proporcionar postos de trabalho.

Ana Paula Correia Victor, vice governadora de Luanda para Área Política e Social, em representação do Governador provincial, Adriano Mendes de Carvalho, disse que a cerimónia de encerramento do ciclo formativo 2017, abre um horizonte para projectos futuro que possam vir a ser gizados entre o GPL e o INEFOP, para o enquadramento de jovens desempregados. **FM**

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



GOVERNANTE Ana Paula Victor testemunhou a cerimónia

A Elisal - Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda, tem como objectivo social a prestação de serviço público de limpeza e gestão de resíduos sólidos da província de Luanda, visão de assegurar a saúde pública e a protecção do meio ambiente.

Ambiciona liderar a transformação do paradigma de gestão de resíduos na província de Luanda implementando infra-estrutura de procedimentos de excelência na limpeza, recolha, tratamento, valorização e deposição final de resíduos que contribuem para a melhoria significativa dos municípios.



ELISAL, PARA UMA VIDA MAIS SAUDÁVEL

Bairro Vila Flor - Zona 19-S3, Quarteirão 7 (Filda)

Caixa Postal 378 Luanda - Angola

Tel.: 222 00 34 64 - 940 95 16 95

E-mail: atendimento.cliente@elisal.co.ao

www.elisal.co.ao



JOÃO SALOMÃO O JARDINEIRO DE 86 ANOS

"Velhos são os trapos", lá diz o provérbio. Mas nem os trapos são inúteis. Por isso, mesmo em idade avançada, com as forças a anunciarem que os tempos da juventude ficaram para trás, João Salomão mantém-se em permanente actividade. Ele cuida das plantas, na casa que todos acolhe, e ajuda a tornar o ambiente mais agradável.



ADRIANO JERÔNIMO FALTAM CENTROS IGUAIS

"Os idosos vivem muitas situações difíceis: falta de atenção por parte dos familiares, de assistência médica, entre outras", disse Adriano Jerônimo, 72 anos. "Seria bom que, em todos os bairros, houvesse um centro onde os velhos passassem a tarde e se divertissem", acrescentou.

PROTECÇÃO

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO

"Kudissanga Kuá Makota" Cuida de idosos a tempo integral

Os mais velhos chegam pela manhã e distribuem-se para as actividades do dia: ginástica, alfabetização, trabalhos de corte e costura e artesanato, leitura, entre outras



Cristina da Silva
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A figura do idoso na família e na sociedade quase deixou de existir. Muitos dos velhos que eram "conselheiros" e resolviam os conflitos encontram-se sozinhos, abandonados por familiares e clamam por dignidade. Em vésperas do Dia Nacional do Idoso, comemorado a 30 de Novembro último, acompanhámos o dia-a-dia do único centro de actividades de terapia ocupacional de idosos de Luanda, quiçá do país.

No coração da rua 28, no bairro Cassequel do Lourenço, na Maianga, duas tendas servem de cobertura a um grupo de homens que produz várias peças de artesanato. Entre as peças, estão dez cestos, encomendados, e um conjunto de balaios, a ser exposto na próxima Feira de Artesanato, de periodicidade mensal, que decorre defronte à Casa dos Desportistas, à Ilha de Luanda.

O grupo é composto por membros do Centro de Dia "Kudissanga Kuá Makota", que ocupa os idosos com várias actividades a tempo integral. Os velhos, muitos deles residentes na zona, chegam pela manhã e distribuem-se para as actividades que compõem o progra-

ma do dia: ginástica, aulas de alfabetização, trabalhos manuais de corte e costura e artesanato, leitura, entre outras, fazem parte do programa dos mais de 65 idosos que frequentam o espaço todos os dias. Diferente de outros lugares que acompanham idosos, no Kudissanga Kuá Makota, depois do almoço, já à tarde, os idosos regressam as respectivas casas.

Terça-feira, 28 de Novembro, 11 horas da manhã. Faltavam 48 horas para o Dia Nacional do Idoso, comemorado a 30 de Novembro último. Além da agitação, por causa dos preparativos da efeméride, um grupo de alunos da alfabetização afinava o exame final da época escolar 2017/2018. Rosa Adão pergunta à colega de carteira quantos continentes já tinha escrito na folha de prova. A pergunta faz parte de duas questões que compõem o enunciado: quantos continentes existem? Cite o nome de alguns países que conhece? A pergunta provoca sussurros entre os alunos. Ainda assim, diz que conseguiu colocar três continentes: Ásia, Europa e África.

"Mas, às vezes, esqueço tudo. Posso estudar hoje, mas amanhã já não me lembro", disse a agricultora, mãe de sete filhos. É o grupo de Rosa

Adão, estudante da segunda classe, Módulo 1, denominação que distingue o Programa de Alfabetização do Ensino de Adultos.

Os "kotas", como também são tratados, estudam por módulos: "Sim Eu Posso" é o primeiro passo, para que os velhos aprendam o "ABC" e os numerais. Este módulo é correspondente à "pré cabunga", explica Lurdes Bernice, 52 anos, professora de alfabetização.

Atentas à conversa, umas senhoras, de longe, respondem que não são

dá pré. "Nós já passamos a pré. Próximo ano vamos fazer a 3ª classe, retorquiu uma delas.

Neste módulo, prosseguiu a alfabetizadora, estão inscritos 30 alunos, enquanto nos módulos 1, dá turma de Rosa Adão, que corresponde à 2ª e 3ª classe, são 14 alunos. "Temos ainda o módulo 2, no qual os alunos frequentam a 3ª e 4ª

classes, respectivamente, e conta com 24 velhos.

Lurdes Bernice disse que, para o Programa de Alfabetização, todos os velhos começam no "Sim Eu Posso". "Felizmente, hoje, passados nove anos, já temos pessoas a frequentar o módulo 2. É um programa sério, que também reprova o aluno, em casos de pouco aproveitamento ou faltas. Eles estudam de



CUIDADOS No centro de acolhimento do Cassequel do Lourenço, a atenção ao idosos é levada a sério

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



DONA ELISA GRUPO OFERECE CONSELHOS ÚTEIS

"No mundo, não existem homens ou mulheres. Somos apenas um", afirma a activista social, de 84 anos. "Somos do Conselho Comunitário dos Avós, oriundos de várias igrejas. Este grupo dá conselhos úteis aos adultos, jovens e crianças".



AO LONGO DO DIA INTENSA ACTIVIDADE

Os velhos, muitos deles residentes na zona, chegam pela manhã e distribuem-se para as actividades que compõem o programa do dia: ginástica, aulas de alfabetização, trabalhos manuais de corte e costura e artesanato, leitura, entre outras.

segunda a sexta-feira e só faltam se estiverem doentes ou medicados", explicou a responsável.

Depois da aula, os alunos recolhem os cadernos e compõem-se para o almoço. A comida varia. Um dia antes da nossa visita, os velhos do Centro de Dia do Cassequel almoçaram carne seca com funje. "Hoje, estamos a servir arroz de legumes com peixe frito", contou a cozinheira, que não quis gravar a entrevista. Além do almoço, também têm direito a um pequeno-almoço.

TERAPIA OCUPACIONAL

O Centro de Dia "Kudissanga Kuá Makota" pertence à Associação de Amizade e Solidariedade para com a Terceira Idade, numa parceria com o Governo, através do Ministério da Assistência e Reinserção Social. Criado desde 2008, no bairro Cassequel do Lourenço, conta com 65 velhos inscritos e outros tantos que apenas aproveitam as refeições diárias.

No local, as pessoas idosas beneficiam de actividades de terapia ocupacional, incluindo refeições, além de outras práticas que concorrem para a melhoria da qualidade de vida deste grupo etário.

"Na nossa sociedade, infelizmente, as pessoas, quando atingem a velhice, na sua maioria ficam separados, até das próprias famílias", alertou a presidente da Associação de Amizade e Solidariedade para com a Terceira Idade, Emília da Silva de Almeida. Afirma que o idoso, embora atinja a maior idade, 60 anos, deve, como estabelecido pelas Nações Unidas, manter-se ocupado.

"Muitos velhos morrem porque se sentem sozinhos. Notamos, com muita preocupação, em restaurantes e cinemas, famílias que se consideram inteiras, mas sem o avô ao lado. Podemos ver pai, mãe e filhos, mas nunca o idoso. Esquecemo-nos que os velhos, antes de o serem, também foram crianças, adolescentes, jovens - logo, pai e só depois avô", alertou.

Aos 73 anos, Emília de Almeida defende a necessidade das famílias assumirem o seu verdadeiro papel. "Não é correcto continuarmos a colocar os mais velhos nos lares. Eles são aproveitáveis. Precisam de estar ocupados, ter as mentes em actividade. A juventude precisa de andar em comunhão com esta franja da sociedade, por forma a se preservarem os valores morais que há muito se perderam", preveniu.

No Cassequel, a rotina começa às oito horas da manhã. Mediante as tarefas, os velhos contam com uma sala de leitura com jornais, revistas e boletins informativo da organização. Acompanham as notícias e aproveitam para interacção. "É bom ver os velhos a conversar", conta a secretária do Centro, Rosa Manguera Branco, de 75 anos. Tia Rosa, como também é chamada,



APOIOS Dona Emília está solidária.

trabalha na organização há 15 anos. "Antes, era só da associação. Quando criámos o centro, vim transferida para aqui", lembrou.

Apesar da idade, é a pessoa chave do local. É responsável por elaborar o mapa de alimentação e fazer a gestão dos gastos decorrentes. "No início, foi complicado. Com o tempo, as coisas foram-se encaixando e hoje estamos mais seguro", conta.

"Vêm cá velhos de toda a província. Muitos, chegam, inclusive, a cobrar pelos seus direitos, por terem participado na Luta de Libertação Nacional", disse. Acrescentou que a instituição é várias vezes procurado por pensionistas, em busca de subsídio de velhice.

A anciã conta que, em 2012, foi feito um levantamento para se saber do número de idosos, a nível da província. "Muitos pensaram que, depois disso, teriam direito a subsídio e vinham cá cobrar, até com arrogância e ameaças". Explicou que à situação dos subsídios tinha sido discutida, mas seria para as pessoas que nunca trabalharam ou profissionais liberais; alfaiates, camponeses, pescadores, sapateiros e outros. Ainda assim, este processo não foi avante.

Rosa Branco considera os velhos como crianças. "É preciso muita paciência, auto-domínio, calma e amor ao próximo, acima de tudo", declarou. Por instantes, a conversa foi interrompida pelo artesão Armando Zás. O artífice de 60 anos pede orientação sobre as últimas encomendas.

"Por dia, conseguimos produzir três bases para panelas ou pratos, enquanto os cestos levam entre dois e três dias", explicou o ancião, que usa a mateba, uma planta colhida a beira dos rios, como matéria-prima. Disse que sempre que se faz uma venda, a direcção do centro faz um subsídio para o grupo. "Não compramos material. É tudo dado e ainda assim dão-nos subsídio", concluiu sorrindo.

ACTIVISTAS COMUNITÁRIOS

Os velhos que frequentam o Centro de Dia "Kudissanga Kuá Makota" não pagam nada. Todos encargos são suportados por via de apoios ou doações de instituições e pessoas.

Adriano Jerónimo, 72 anos, espantou-se com a foto do Mural do Centro. Parecia a primeira vez que se fazia foto aos visitantes do espaço. Enganava-se o homem, que faz parte de um grupo de nove activistas comunitários. São idosos que trabalham junto das comunidades, na assistência de outros velhos, principalmente, na mediação de conflitos que envolve idosos e não só, assim como doentes que vivem sozinhos.

O senhor Jerónimo vive a cem metros do centro e o considera uma mais valia para o idoso. "Seria bom que, em todos os bairros, houvesse um centro onde os velhos passassem a tarde", conta. O também evangelista disse que o trabalho junto das comunidade consiste em conhecer a realidade de cada idoso.

"Os idosos vivem muitas situações: falta de atenção por parte dos familiares, de assistência médica, entre outros", disse, no que foi corroborado por outra assistente comunitária. Esta disse que há em Luanda muitos casos de idosos abandonados por familiares e doentes.

"Nestes casos, o doente é encaminhado ao hospital. Mesmo que o velho tenha um familiar, com a ajuda do centro ele é assistido", garantiu Luzia António de 56 anos.

"Além da consulta, os idosos também beneficiam de medicamentos. Temos convénio com alguns hospitais, para atendimento dos idosos com necessidade de tratamento". Ela citou o Hospital Neves Bendinha, Américo Boavida, o Centro das Mães, na rua 13 do Mártires do Kifangondo, Centro de Oftalmologia e uma médica voluntária do Hospital Militar, que os visita uma vez por semana ou mediante as necessidades.

Os activistas comunitários também se encarregam do cadastramento e acompanhamento dos idosos beneficiários de assistência alimentar.

"Neste momento, controlamos 50 idosos que recebem, todos os meses, uma cesta básica alimentar. Está franja está dividida num grupo de 25 que

contou com apoio do Kudia Banco e outra pela Associação", esclareceu.

Dona Elisa, outra activista, diz que no mundo não existem homens ou mulheres. "Somos apenas um", frisou a senhora de 84 anos de idade, ao falar do papel do idoso na sociedade. "Somos do Conselho Comunitário dos Avós, oriundos de várias igrejas. Este grupo dá conselhos úteis aos adultos, jovens, adolescentes e crianças. Ajudamos a reconciliar membros de famílias e da comunidade desavindos, bem como transmitir experiência de vida às novas gerações", explicou.

ENFERMEIRA DOS VELHOS

Maria de Lurdes Burica, 58 anos, largou o escritório para se dedicar a cuidar dos idosos. A antiga funcionária da Habitação está desde 2007 como enfermeira do Centro de Dia "Kudissanga Kuá Makota".

"Eu era técnica da Habitação, fui trabalhar para as comunidade e, depois, vi a necessidade de me formar. Foi aí que resolvi fazer um curso de enfermagem", conta a senhora, que, todos os dias, puxa do estetoscópio para medir a atenção arterial dos velhos.

Maria Burica relata que várias patologias apoquentam os idosos. A hipertensão, reumatismo, cataratas, diabetes entre outras. A enfermeira garante que todos os que frequentam o centro e que apresentam qualquer patologias tem a situação controlada e as consultas em dia. "Temos uma médica voluntária do Hospital Militar que, uma vez por semana, nos visita. Mas aqueles a quem a doutora não consegue assistir ou em estado grave encaminhamos para as unidades hospitalares com que temos algum convénio", explicou.

Quem tem problemas de visão, por exemplo, e com dificuldades de estudar é encaminhado ao Centro de Oftalmologia, localizado na Cidadela, onde é atendido. Antes da sessão de ginástica, que acontece às segundas, quartas e sextas-feiras, Maria Burica é obrigada a medir a tensão de todos, principalmente, daqueles que já apresentam um quadro preocupante. "Felizmente, os exercícios são os apropriados para os velhos. Ainda assim, é sempre importante medir-lhes a tensão antes da ginástica", rematou.

CS



LUZES No local, as pessoas idosas beneficiam de actividades diversas, incluindo a Alfabetização.

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO

KINDALA MANUEL | EDIÇÕES NOVEMBRO



PERCURSO UM HOMEM LIGADO À CULTURA DESDE MUITO CEDO

João Xavier Simões, mais conhecido por Joãozinho, é também homem de cultura. Foi membro do Centro Cultural e Recreativo Sporting Clube do Maxinde, localizado no Marçal. Sem precisar a data, conta que, naquele período, fazia parte do Ngoma Jazz, um grupo que abrilhantava as farras de quintal com outros agrupamentos, como os Jovens do Prenda.



A ESPOSA MINHAS COLEGAS FACILITARAM O CONTACTO

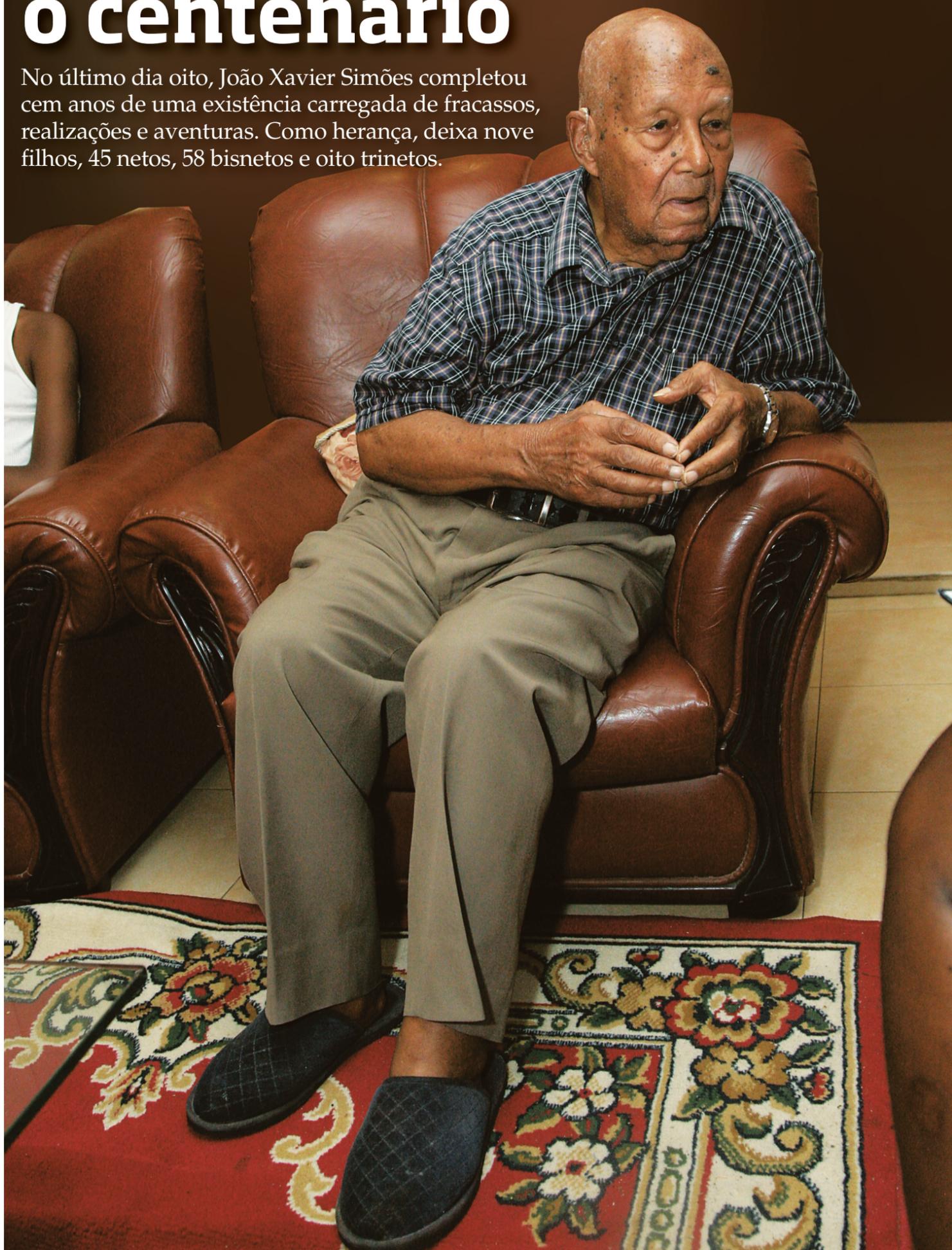
"Não queria ter namorado com ele. Ele andava de bicicleta e sempre que o visse fugia. As minhas colegas facilitaram o contacto", conta a mulher, sorrindo. Dona Júlia lembra que não foi fácil manter a relação. Ele era muito 'nguendeiro'.

HISTÓRIA DE VIDA

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Joãozinho, o centenário

No último dia oito, João Xavier Simões completou cem anos de uma existência carregada de fracassos, realizações e aventuras. Como herança, deixa nove filhos, 45 netos, 58 bisnetos e oito trinetsos.



Cristina da Silva

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

No último dia oito, completou cem anos de idade. Mesmo no alto das suas dez décadas de vida, João Xavier Simões ainda faz de tudo um pouco: desce, todos os dias, 33 degraus de escada, vai à padaria da esquina, à agência bancária, liga o gerador, em caso de falta de energia eléctrica da rede, e arruma a cama de casal. Fá-lo sem ajuda.

Por norma, o "mais velho" carrega em mãos um bloco de anotações, no qual estão escritas as informações que considera muito importantes: nome dos filhos, número de netos correspondentes a cada filho ou filha, bisnetos e trinetsos. No total, são nove filhos, 45 netos, 58 bisnetos e oito trinetsos. Todas as anotações são feitas por ele mesmo. Apesar da idade, Joãozinho tem ainda as mãos firmes; lê e escreve.

O aposentado é um homem humilde, que trabalhou 40 anos na Geologia e Minas, por isso a alcunha das "Minas", antes de Joãozinho. A história de Joãozinho Simões confunde-se com a de um caixeiro viajante. Tudo começou ainda em criança. Nasceu no Uíge e, aos 18 meses, o pai levou-o para Portugal, onde permaneceu até aos 19 anos. A completar 20 anos de idade, foi convidado pelo progenitor, que se encontrava em missão, na altura como Comissário da Polícia Nacional, a visitar Luanda, isto em 1937. Neste período, não conhecia ninguém e vivia como um estranho.

"Em Luanda, havia muito racismo entre brancos e pretos. Mas, graças a Deus, nunca sofri qualquer agressão. Eu não sou preto, nem branco. Estava entre os dois", conta, a sorrir.

Com o regresso do pai a Lisboa, em fim de missão, Joãozinho permaneceu em Luanda à "procura da estrela da sua sorte". Sem emprego, as necessidades apertaram. Em 1938, foi trabalhar na açucareira de Ndombe Grande, em Benguela. Em 1939, ruma para Maquela do Zombo, província do Uíge, e trabalha como pedreiro. Seis meses depois, é convidado para auxiliar de topografia e capataz de minas de exploração. Com o cartão de bom comportamento, em 1941, é convidado a regressar a Luanda, para trabalhar na Geologia e Minas, onde fica vários anos sem ser efectivo. Foi então que, através de um concurso público, resolveu candidatar-se a uma vaga na empresa e aprova com 17 valores.

"O tempo que trabalhei nas minas permitiu-me ganhar conhecimentos sobre estudos de rocha", gaba-se.

SÓ OS DIAMANTES SÃO ETERNOS

O centenário João Xavier Simões, apesar de ter tido maior parte da sua vida dedicado às minas, nunca teve um diamante em sua posse. Conta que o tra-



**PASSADO
CHARMOZO E POUCO FALADOR**

Para um homem de cem anos, não restam dúvidas de que o tempo passa e a idade não perdoa. O centenário lembra-se que já carregou também a fama de “Joãozinho das Garotas”. “Eu era charmoso e de poucas palavras. Mas gostava de andar atrás das meninas. Antes de me envolver, analisava a condição da menina. Se soubesse que ela era comprometida, já não avançava. Não admitia abuso”.



**QUALIDADES
UM HOMEM ATENCIOSO
PARA COM AS MULHERES**

Além da mulher, que se ria das piadas de Joãozinho, a conversa foi acompanhada pelo neto Cajó. Em Luanda, o centenário só namorou cinco raparigas, entre elas, as duas mulheres. “Em Benguela, ééhh ..., já não se fala. Eram muitas mulheres”, diz, a sorrir.

balho era difícil e acompanhado de perto pela Polícia Secreta. As pessoas eram presas por posse de diamantes.

“Sempre procurei manter-me tranquilo e longe de ser apanhado com uma pedra”, disse.

Como “nem tudo o que brilha é ouro”, foi surpreendido, no laboratório onde trabalhava, com o problema do desaparecimento de uma tira de diamante.

“Os diamantes eram contabilizados antes de serem entregues ao laboratório, para análise e qualificação. Num destes dias, deram conta que no meu processo faltava um diamante. Fui obrigado a revirar o recinto até encontrar a pedra perdida”, explicou.

No laboratório onde trabalhava, João Xavier Simões, além de analisar os diamantes, explorados em áreas devidamente identificadas, também ajudava a classificar os que eram apreendidos em posse de pessoas indevidas. No laboratório de análise e classificação, Joãozinho ficava sete horas ao dia, de segunda a sexta-feira. Apesar de já estar aposentado, garante que, mesmo sem ajuda da lupa, consegue classificar as pedras, tanto por quilatareis, como a espécie de cada uma.

Pena é que só os diamantes sejam eternos. Se Joãozinho também o fosse, guardaria as histórias que conhece para a eternidade.

A IDADE

Vale o ditado popular segundo o qual a idade não perdoa. Joãozinho das Minas é o exemplo prático. Aos poucos, o centenário vai perdendo as memórias. Apesar de não permitir que a sua companheira, dona Júlia, fale por ele, foi por meio dela que conseguimos fazer-lhe lembrar de alguns factos marcantes da sua vida em Luanda e outros pontos do país por onde passou.

Do Uíge, sua terra natal, sabe apenas que nasceu na Damba, em Maquelela do Zombo. Através de dona Júlia, companheira há mais de 60 anos, ficamos a saber que Joãozinho não conheceu a mãe. “Em Luanda, sempre viveu sozinho. Só tinha a mulher e os filhos. Mas tem familiares em Portugal”, conta a esposa, mãe de quatro dos nove fi-

lhos dele. O centenário viveu na rua da Missão. “Antigamente, era conhecido por Rua da Viúva”, lembra. Conta que, antes de ter mulher, viveu na casa de dona Rosa Palma. Nos anos 50, Joãozinho casou-se com a primeira mulher, com quem viveu até à morte dela, nos anos 1990. Neste mesmo período, embora casado, juntou-se também à dona Júlia. A anciã disse que nunca quis namorar com Joãozinho, pelo facto deste já ser casado.

“Não gostaria nada de ter namorado com ele. Ele andava de bicicleta e sempre que o visse fugia. Foram as minhas colegas que facilitaram o contacto”, conta a mulher, sorrindo.

Dona Júlia lembra que não foi fácil manter a relação. “Ele era muito ‘nguen-deiro’. Teve quatro filhos, cada um com a sua mãe. Depois, mais dois fora do casamento”, narra a senhora, sem freio na língua.

Antes de se mudar para a Vila Alice, onde reside até hoje, passou também pelo bairro Indígena, no Nelito Soares. Isso nos anos 1970. O mais velho lembra que, neste período, Luanda era diferente. “A cidade mudou muito. Onde era o Largo do Kinaxixi e o bairro Indígena havia lagoa. A cidade cresceu. Onde está a Unidade Operativa, havia bois, cabritos e outros animais. Um homem que cuidava deles. Mas tudo desapareceu”, disse.

Na igreja da Sagrada Família, por exemplo, passava o comboio vindo do Bungo, com destino a Malange e Bengo, continua a narrar. “A Maternidade Lucrécia Paím também é antiga, mas antes chamava-se Magalas e lá ficavam os militares. Ali, além de comboios, havia uma estação onde passavam autocarros com destino à Funda, Bengo e outras paragens. Nos actuais Ministério da Geologia e Minas e os Bombeiros era campo de aviação ou aeroporto e até ao 1º de Maio era Zona 5”.

Enquanto conversamos, notamos a dificuldade do mais velho para perceber-nos, por causa do aparelho auditivo que usa. “Isso me está a fazer confusão”, queixa-se, enquanto se posiciona melhor para continuar a conversa. A Vila Alice, onde actualmente reside, era um campo coberto de capim e cheio de animais.



ESTABILIDADE Nos anos 1990, dona Júlia juntou-se ao actual marido, Joãozinho



CARREIRA O aposentado é um homem humilde, que trabalhou 40 anos na Geologia e Minas

SAUDADES DO “JOÃOZINHO DAS GAROTAS”

Para um homem de cem anos, não restam dúvidas de que o tempo passa e a idade não perdoa. Mas o centenário lembra-se que já carregou também a fama de “Joãozinho das Garotas”.

“Eu era charmoso e de poucas palavras. Mas gostava de andar atrás das meninas. Antes de me envolver, analisava a condição da menina. Se soubesse que ela era comprometida, já não avançava. Não admitia abuso”, conta.

Além da mulher, que se ria das piadas de Joãozinho, a conversa foi acompanhada pelo neto Cajó. Em Luanda, o centenário só namorou cinco raparigas, entre elas, as duas mulheres. “Em Benguela, ééhh ..., já não se fala. Eram muitas mulheres”, sorri, passando a mão pelo rosto.

Joãozinho lembra com muita tristeza o facto de não ter tido filho com uma das mulheres que o marcou até a data: a Kwanhama. “Boa parte das mulheres que tive trabalharam comigo. Entre elas, tive uma lavadeira de quem tenho muitas saudades. Era Kwanhama; boa moça. Gostava muito de ter tido um filho com ela”, lamenta.

HOMEM DE CULTURA

João Xavier Simões, mais conhecido por Joãozinho, é também homem de cultura. Foi membro do Centro Cultural e Recreativo Sporting Clube do Maxinde, localizado no Marçal. Sem precisar a data, conta que, naquele período fazia parte do Ngoma Jazz, um grupo que abrihantava as faras de quintal com outros agrupamentos, como os Jovens do Prenda.

“Fui convidado pelo meu colega da Geologia Minas, o mesmo que me levou à empresa. Neste período, o conjunto estava sem recursos, daí

o convite para ajudar na organização e manutenção”, disse. Foi também treinador-adjunto do Sporting de Luanda.

O centenário de Luanda festejou o “bota” na companhia de de filhos, genros, netos, bisnetos e trinets, bem como amigos de longa data.

CS



VITALIDADE Joãozinho tem forças para andar

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Doe Sangue Salve uma Vida

Faça Parte desta Causa!



INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE

GOVERNO DE
ANGOLA
MINISTÉRIO DA SAÚDE

CUIDA BEM DO TEU LIXO AJUDA O CACUACO A FICAR CADA VEZ MAIS LIMPO.



- ENCHE OS SACOS PLÁSTICOS ATÉ A ALTURA EM QUE POSSAS DAR UM NÓ.
- LEVA ATÉ UM DOS DIVERSOS CONTENTORES DISTRIBUÍDOS POR CACUACO.
- PRONTO. A EQUIPA DA LIMPEZA FARÁ O RESTO DO TRABALHO.





EUSÉBIO PINTO INSTITUIÇÃO ABERTA A QUEM TEM APTIDÃO

O director do CEARTE, Eusébio da Costa Pinto, disse à reportagem do Luanda, jornal Metropolitano, que a instituição está aberta a todas as pessoas que tenham as aptidões requeridas para os cursos ministrados, sendo que o talento e a inclinação natural são os principais requisitos. O tempo de formação é de quatro anos (10^a à 13^a classes).



CATARINA SAMPAIO ESTUDANTE ESPERA COLHER FRUTOS

A criação artística é um dos cursos ministrados no Complexo das Escolas de Artes. Uma das alunas é Catarina Sampaio, que, ao lado dos restantes colegas, procura empenhar-se ao máximo para colher frutos, que é a conclusão da formação.

CEARTE

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Transformar a arte em cultura

Há dois anos a servir os interesses de quem procura por formação artística, o CEARTE é classificado como um Instituto Médio Politécnico Público, ligado ao Ministério da Cultura.



O Complexo das Escolas de Arte, CEARTE, tornou-se num espaço de ensino e aprendizagem, facultando conhecimentos práticos e teóricos sobre como fazer da arte um instrumento de cultura, mas também profissional.

Há dois anos a servir os interesses de quem procura por formação artística, o CEARTE é classificado como um Instituto Médio Politécnico Público, ligado ao Ministério da Cultura. Foi criado ao abrigo do Decreto Executivo Conjunto nº 01/2015, de 13 de Julho, dos ministérios da Cultura e da Educação.

O director do CEARTE, Eusébio da Costa Pinto, disse à reportagem do Luanda, Jornal Metropolitano que a instituição está aberta a todas as pessoas que tenham as aptidões requeridas para os cursos ministrados, sendo que o talento e inclinação natural são os principais requisitos.

O tempo de formação para os diferentes cursos é de quatro anos lectivos, isto é, da 10^a à 13^a classes. No entanto, o director da escola esclarece que o Despacho Conjunto do Executivo nº 328/17, de 29 de Junho, dos ministros da Educação e da Cultura, define que a formação naquela instituição deve ser da 7^a à 13^a classe. Provavelmente, em 2018, assim será.

Com capacidade para 3.240 alunos, o complexo tem 160 turmas e cada uma alberga 24 alunos, nos dois turnos. A instituição lecciona Artes Visuais e plásticas, Dança, Música, Teatro e, brevemente, terá o curso de Cinema. Cento e seis professores, sendo 85 angolanos e 21 de nacionalidade cubana, ensinam os artistas em ascensão "com paixão e profissionalismo", segundo o director.

MODO DE AVALIAÇÃO

As avaliações no CEARTE obedecem a dois padrões principais: a formação geral e a específica. "Na formação geral, os estudantes têm aquelas disciplinas que são dadas em qualquer outra instituição de ensino médio, tais como Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química. Depois, as disciplinas específicas para cada área de formação, em que a avaliação é feita de acordo com o calendário escolar definido pelo Ministério da Educação. Portanto, para as disciplinas de formação prática, o aluno é avaliado por um corpo de jurado, quer seja em exame de Canto, Representação, Escultura, Dança ou Artes Plásticas", explicou Eusébio Pinto.

Falando da formação artística, particularmente em Luanda, o director do CEARTE adiantou que caminha a passos largos. "Ao olharmos para esta infra-estrutura, a nossa escola, notamos que existe uma evolução maior no que toca à formação artística como tal. Ape-



**MARIA AFONSO
AQUI, OS ESTUDANTES
MOSTRAM HABILIDADES**

“É aqui onde os estudantes mostram as suas habilidades, como, por exemplo, pintar um quadro, fazer uma escultura ou trabalhos em cerâmica. Por isso, estamos satisfeitos com o Complexo das Escolas de Arte. Aqui beberemos das experiências dos profissionais e as levaremos para qualquer lugar onde formos expôr ou ensinar”.



**CUSTÓDIO ALBERTO
CONTINUIDADE DA ARTE
ESTÁ ASSEGURADA**

Estudante de Criação Artística e Pedagogia, Custódio Alberto é o género de estudante que garante a continuidade da arte. Com efeito, o aluno recebe ferramentas que amanhã o tornarão professor, para assegurar que a criação não se perca.

sar de existirem muitos outros centros de formação profissional, a nossa instituição está melhor preparada a nível de apetrechamento”, garantiu Eusébio Pinto.

O director aproveitou dizer que estes centros também têm contribuído, de forma positiva, para formação e engrandecimento dos artistas, embora a nível de currículo não se comparem com CEARTE, pois este é uma instituição estatal.

“De qualquer forma, os centros de formação têm feito o seu papel dentro daquilo que são os seus objectos sociais”, admitiu.

Eusébio Pinto avançou que o CEARTE tem em carteira para a expansão do seu ensino, não só a nível interno, mas também para os países da região da SADC e dos PALOPS.

“Uma vez que, pelo que sabemos, nenhum dos países das organizações acima citadas possui uma infra-estrutura de ensino artístico como a nossa. Então, neste aspecto, em que somos privilegiados, podemos dar uma projecção maior do ponto de vista da formação”, perspectivou.

O CEARTE pretende, nos próximos anos, pôr em funcionamento o internato que tem nas suas instalações. Mas, para que tal venha a acontecer, Eusébio Pinto garantiu que estão a ser feitos esforços. Acredita que o internato poderá albergar alunos oriundos das demais províncias de Angola, sem que se vejam obrigados de custear a permanência no centro”, frisou.

“ARENA DAS ARTES” NO CEARTE

O Complexo das Escolas de Arte, CEARTE, implementa, desde o ano passado, um festival cuja primeira edição denominou-se “Arena de Teatro”. Mas este ano, com a inclusão de outras áreas de formação, o espectáculo foi mais abrangente e passou a chamar-se “Arena das Artes”.

“Expusemos, em quatro dias, excelentes peças de teatro; fizemos exposição de artes plásticas, peças em 3D e música. Tudo aquilo que nós fazemos no dia-a-dia foi exposto neste festival, que passará a ser anual. À medida em que os anos vão passando, vamos evoluindo”, considerou Eusébio Pinto.

Eusébio Pinto fez lembrar que, o ensino artístico em Angola não começa com a criação do CEARTE. Porém, a instituição é a agregação de todas as escolas de artes que eram autónomas.

“O CEARTE é um complexo de escolas de artes, onde se integram as antigas escolas de Música, Dança e das Artes Plásticas. Por sua vez, o Executivo entendeu agregar todas as escolas numa única infra-estrutura e com uma direcção, embora cada uma funcione com um coordenador, na respectiva área de formação”, esclareceu. Acrescentou que, neste momento, estão a esforçar-se para que a formação em Cinema venha a ser uma realidade nos próximos anos lectivos.



CONHECIMENTOS A instituição lecciona, além de Artes Visuais e Plásticas, Dança, Música, Teatro e, em breve, deve incluir o cinema

EM BUSCA DO SONHO

Atrás de um sonho foi António Lemos, estudante do 3º de Teatro, na especialidade de Actor. Ele contou que desde muito cedo sentia uma grande relação com a encenação. Criativo e ambicioso, decidiu ingressar no CEARTE. A meta era melhorar a sua capacidade criativa inata.

“Nesta escola, encontrei excelentes professores, que nos ensinam técnicas profissionais que levaremos para vida toda. Não só como estudantes de teatro, mas também como fazedores de artes”, explicou, com entusiasmo.

Também no 3º ano, mas no curso de Canto e na especialidade de Guitarra, está Samuel Octávio. Como o colega do parágrafo anterior, muito cedo sentiu que tinha inclinação para a música.

“Toco instrumentos musicais desde tenra idade, na igreja em que professo a fé. Sempre tive desejo apreciar a essência da música. Logo que me apercebi que esta instituição servia para isso, inscrevi-me sem hesitar”, contou. Maria Gustavo Afonso es-

tá a especializar-se em Criação Artística. Confessou gostar muito do que faz. Já no 3º ano, ela considerou que o instituto é a oficina onde tudo acontece.

“É aqui onde os estudantes mostram as suas habilidades, como, por exemplo, pintar um quadro, fazer uma escultura ou trabalhos em cerâmica. Por isso, estamos satisfeitos com o Complexo das Escolas de Arte. Aqui beberemos das experiências dos profissionais e as levaremos para qualquer lugar onde formos expôr ou ensinar”.

A estudante considera os professores muito competentes e profissionais. “Temos uma relação, não só de professores e alunos, mas também como amigos”, garantiu Maria Gustavo.

À luz desses depoimentos, parece certo que, no CEARTE, o estudante que entra determinado a lapidar o dom ou a vocação artística que tenha vence nas artes e encontra, assim, uma saída para um futuro promissor no mercado nacional e internacional.



PROCURA As artes plásticas têm, nos últimos anos, ganhado muita adesão



APRENDIZADO Estudantes mostram aptidões durante o processo de formação



ELIZABETH GASPAR APOIO DA EXTENSÃO RURAL

Técnica da Extensão do Desenvolvimento Rural (EDA), Elizabeth Gaspar tem trabalhado no acompanhamento e aconselhamento às cooperativas e seus associados. Afirmou que a instituição trabalha para que os camponeses saibam cuidar dos solos, combater as pragas e outras doenças que afectam as culturas.

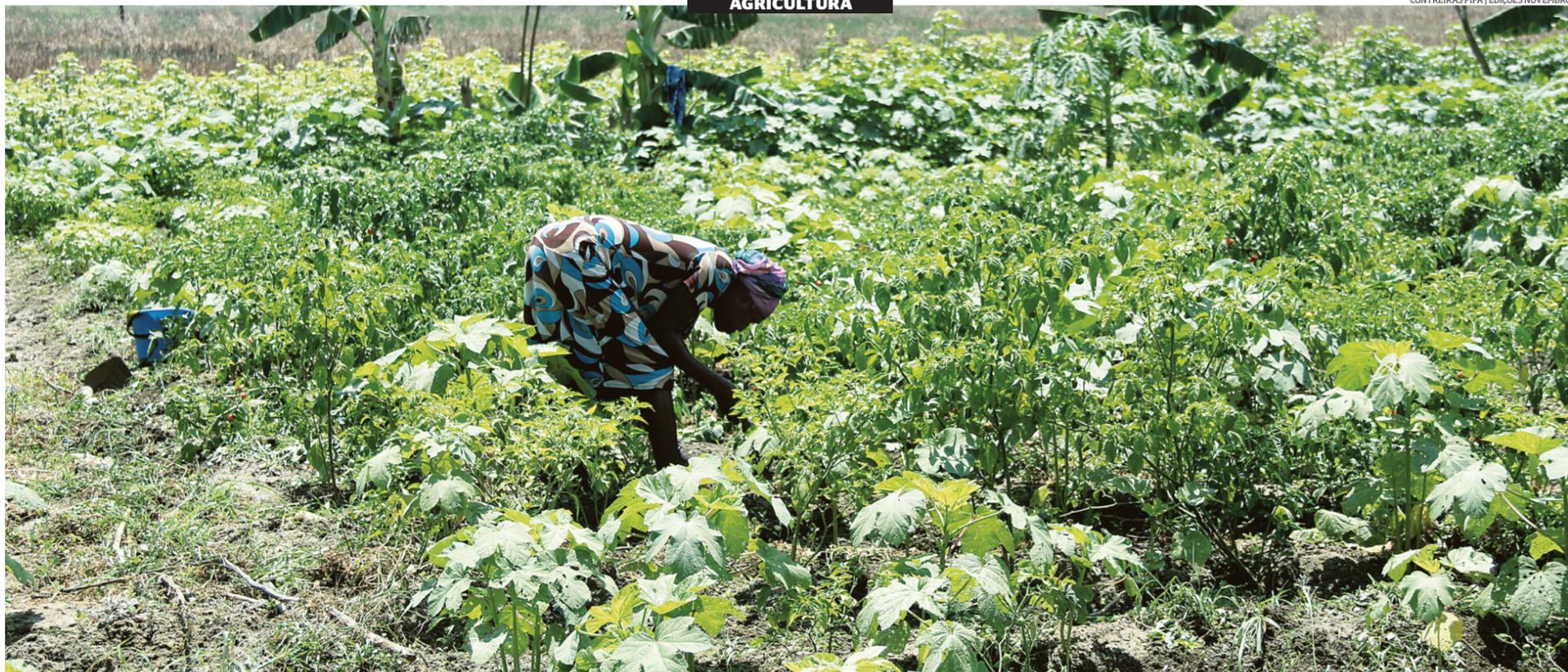


MARIA MACHADO FALTAM MEIOS, SEMENTES...

Maria Teresa Machado, camponesa e membro da cooperativa agrícola "Camicuto 1", na comuna da Funda, município de Cacuco, é o rosto da aflição dos demais. Aos 50 anos de idade, 15 de actividade agrícola, é mais uma que junta a voz para reclamar da falta de meios para a produção, sementes e fertilizantes.

AGRICULTURA

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Funda perspectiva mais de 600 mil toneladas de produtos agrícolas

Camponeses justificam a expectativa no facto de terem lavrado vastas extensões de terras.

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Na Funda, os camponeses organizados em cooperativas e associações agropecuárias perspectivam colher mais de 600 mil toneladas de produtos diversos no final da época agrícola. Os camponeses estão a cultivar produtos como tomate, batata-rena, cebola, mandioca, batata-doce, milho, feijão, couve, repolho, alface, melão, melancia, ananás, abacate, abacaxis e abóbora, num espaço de 3.500 hectares de terra.

Os camponeses justificam a expectativa no facto de terem lavrado, na presente época agrícola, largas extensões de terras e terem usado fertilizantes para aumentar a produção. Kiala Salomé da Associação de Camponeses 27 de Março, explicou que os trabalhos de lavoura são desenvolvidos por quatro cooperativas e 65 associações de camponeses, além de alguns agricultores individuais.

"Estamos apostados no aumento da produção, para contribuímos com o programa de combate à fome e à pobreza nas famílias e ace-

lerar o processo de diversificação da economia em curso no país" frisou Kiala Salomé.

Por seu turno, o administrador comunal da Funda, Francisco Bandeira, encorajou os camponeses a trabalharem para o aumento da oferta de produção agrícolas, reafirmando que a comuna da Funda continua a ser o centro de produção agrícola na província.

CAMPO SUSTENTA FAMÍLIAS

Cardoso Chissingui e esposa estão associados a uma cooperativa de camponeses. Têm cerca de 15 hectares cultivados com cebola, repolho, tomate, nabo, couve e rama de batata-doce. O casal gaba-se de ter toda a produção vendida, antes mesmo da colheita.

"Os nossos produtos são comprados logo na plantação. Por isso, já não podemos comercializar para outras pessoas", assegurou.

Belmira Gonçalves, vinda do Cuanza-Sul, está na localidade de 107, em Caxicane, zona fértil para o cultivo. Num espaço de 10 hectares, Belmira Gonçalves plantou quase tudo. "Neste campo sai alimentos para aguentar a família e pagar a escola dos filhos", sustentou. Lutango Kiala não é cam-

ponês, mas ganha algum dinheiro com a transportação de produtos agrícolas. Proprietário de uma moto de três rodas, vulgo "Kupapata", tem alugado o seu meio a pessoas interessadas em escoar bens.

"Cubro por carregamento três mil Kwanzas. O preço varia de acordo com a distância", disse. Já Calombe Njila é carregador, vulgo "roboteiro". Leva as culturas aos carros ou motas e cobra de acordo com o volume da carga. "Por dia, posso ganhar mais de 15 mil Kwanzas", garantiu.

Esta cadeia de lucro repete-se em muitas zonas de Luanda, especialmente na cintura verde.

ACONSELHAMENTO ÉPICO SANITÁRIO

Elisabeth Gaspar, da Extensão do Desenvolvimento Rural (EDA) tem trabalhado no acompanhamento e aconselhamento às cooperativas e seus associados na Cintura Verde de Luanda. A técnica afirmou que a instituição tem realizado aconselhamentos que denomina "épicos sanitários" para que os camponeses saibam cuidar dos solos, combater as pragas e outras doenças que afectam as culturas.

Quanto aos apoios a prestar aos camponeses, Elisabeth Gaspar afir-

mou que, recentemente, trabalhou com o responsável da cooperativa "Camicuto 1", que lhe apresentou uma série de necessidade, que estão a merecer tratamento junto da EDA.

FIM DO ESTATUTO DE CINTURA VERDE

Com a desanexação do Panguila da província de Luanda, a comuna da Funda, no município de Cacuco, perdeu o estatuto de cintura verde pertencente a capital. A situação levou a que a Funda perdesse grandes campos de cultivos e as fazendas do Ludi, Mussombo e Kilunda, o que lhe fez reduzir a capacidade produtiva.

Apesar de tudo, a Funda continua a ser uns dos fornecedores de produtos do campo para os mercados de capital. Ali, a população é maioritariamente camponesa. Agricultura é praticada por cooperativas, fazendas, hortas e lavras, situadas na margem

do rio Nzenza. Mitó da Silva, presidente da Cintura Verde de Luanda, revelou que, no passado, a Funda possuía áreas tradicionais de cultivos e produzia grandes quantidades de bens que enchiam o antigo mercado Roque Santeiro, na altura o maior de Luanda.

"A divisão do Panguila veio contribuir, significativamente, para a perda do estatuto de cintura verde que a Funda ostentava", lamentou Mitó da Silva, lembrando a ameaça que representa o betão para o resto da margem do rio.

"O surgimento de várias indústrias está a retirar a beleza que a Funda tinha. Os camponeses que viviam na zona invadida pelo betão estão a refugiar-se para a Quiminha e Quiçama. Até a Funda, que era uma zona turística e que oferecia aos visitantes cuscus e maruvo, não foi poupada", constatou o presidente da Cintura Verde de Luanda.



**DOMINGAS GONÇALVES
CARÊNCIA DE CONDIÇÕES
RETARDA A PRODUÇÃO**

“A carência de meios retarda a produção da cooperativa”, diz Domingas Gonçalves. Filiada há mais de quatro anos, a mulher lembra que muitas vezes lançam as sementes à terra, mas, por escassez de água e de salubridade do solo, nada colhem.



**MITÓ DA SILVA
FUNDA DEMASIADO**

Mito da Silva, presidente da Cintura Verde de Luanda, revelou que, no passado, a Funda possuía áreas tradicionais de cultivos e produzia grandes quantidades de bens que enchiam o antigo mercado do Roque Santeiro, na altura o maior de Luanda.

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



SERVIÇO Lutango Kiala ganha a transportar produtos

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



PREPARAÇÃO Terrenos são desbravados para o cultivo

CAMPONESES CLAMAM POR MEIOS PARA CULTIVAR A TERRA

Há vários anos que os camponeses da Cintura Verde de Luanda pedem ao executivo apoios em bens materiais, para que o seu trabalho seja cumprido com êxito. Moto-bombas, alfaías agrícolas, tractores, pulverizadores, sementes e fertilizantes estão na lista de pedidos que, recorrentemente, são feitos. Junta-se à lista o velho protesto de inexistência de uma política de concessão de crédito à agricultura.

Maria Teresa Machado, camponesa e membro da cooperativa agrícola “Camicuto 1”, na comuna da Funda, município de Cacuo, é o rosto da aflição dos demais. Aos 50 anos de idade, 15 de actividade agrícola, é mais uma que junta a voz para reclamar da falta de meios para a produção, sementes e fertilizantes.

A camponesa reclamou do facto de a cooperativa de “Camicuto 1” nunca ter beneficiado de qualquer apoio do Executivo. Com o semblante triste e pouco crente na mudança, Maria Teresa Machado desdobra a lista de necessidade dos camponeses da Funda:

“Precisamos de tractores, para trabalhar a terra, de moto-bombas, sementes, alfaías enxadas, machados, catanas e fertilizantes. Estamos cansados de pedir apoios às autoridades do município de Cacuo, mas sem sucesso”, reclamou.

Domingas Correia Gonçalves, outra associada, reforça que a carência de meios retarda a produção da cooperativa. Filiada há mais de quatro anos, a mulher lembra que muitas vezes lançam as sementes à terra, mas, por escassez de água e de salubridade do solo, não colhem nada. “Quando as plantamos, as sementes secam e são atacadas por pragas”, disse.

O presidente da cooperativa “Kufikissa Kuami”, Lourenço Pedro, também clama por meios para estimular a produção dos associados. “Nunca recebemos qualquer apoio das autoridades; nem ajuda financeira para relançar a pro-

dução agrícola em grande escala. Já batemos várias portas, sem sucesso”, declarou.

Mariana da Costa é a presidente da cooperativa “Rambo I”, em Catete. Ela admite que a cooperativa recebeu um tractor. “Mas, para cultivarmos a terra, recorremos às cooperativas vizinhas, para o aluguer de mais tractores, alfaías e de carroças. Gastamos entre 10 a 20 mil Kwanzas”.

A camponesa adiantou que a falta de fundos tem originado o procedimento, pelo qual as associações congéneres também optam. O aluguer de máquinas é a pronto pagamento. “O trabalho manual ainda praticado por muitos camponeses é bastante penoso e caro”, salientou.

Contas feitas pelos camponeses associados de sete cooperativas agrícolas, nas localidades de Rambo, Kaxicane e 107, indicam terem recebido sete tractores e alfaías. Mas consideram os meios insuficientes.

BOMBAGEM

Oitocentos camponeses estão dependentes da estação de bombagem para abdução e sucção da fazenda Espano-Angola, na Funda. Por isso, estão sem desbravar a terra, tomada por inundações. O sistema está avariado há mais de 10 anos, o que tem impossibilitado a retirada de água dos campos. A propriedade tem uma extensão de 350 hectares, mas apenas 30 estão a ser aproveitados.

O camponês Jorge Janota disse que a maior inquietação reside na reparação do sistema de bombagem para permitir o escoamento da água da fazenda para o rio. “Na era do governador provincial Higinio Carneiro, que visitou a estação, foram feitas promessas para pô-la a funcionar e devolver trabalho aos camponeses da cooperativa”, declarou.

FM

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



DIFICULDADES A carência de, por exemplo, meios de transportes chega a obrigar a que camponeses caminhem longas distâncias com produtos para serem comercializados

VIANA DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA TENDE A MELHORAR

No âmbito das 700 mil ligações domiciliárias, foram feitas ligações de água no bairro da Estalagem (Km9). Com a conclusão deste projecto, 80 por cento da população de Viana vai beneficiar de mais água potável.



FERNANDO BINGE OBRAS EM CURSO

"Estão em curso as obras da segunda fase do Hospital Municipal do Zango, de duas escolas e de um centro de saúde", pontualizou o administrador adjunto de Viana, Fernando Binge, que, entretanto, reconheceu existirem carências no município.



RADIOGRAFIA

Zango virou zona de concentração de Luandenses

A falta de energia eléctrica e a inexistência de policiamento propiciam o aumento dos roubos e assaltos à mão armada.



Fulá Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Distrito Urbano do Zango é uma zona em expansão. Todos os dias, recebe moradores saídos de vários pontos da cidade, por diversos motivos, entre os quais o desalojamento. Actualmente, nos zangos I, II, III e IV estão a surgir construções anárquicas, em locais inadequados e, conseqüentemente, regista-se o aumento da delinquência e da prostituição. O lixo e as águas paradas também não dignificam a imagem da zona. Todos estes factores negativos reflectem o estado de degradação em que se encontra quase toda extensão do Zango.

O administrador adjunto de Viana, Fernando Binge, reconheceu a necessidade da construção de mais hospitais, escolas, postos médicos, esquadras policiais e a criação de outros serviços para cobrir a demanda demográfica que se regista diariamente. "Estão em curso as obras de construção da segunda fase

do Hospital Municipal do Zango, de duas escolas e de um centro de saúde", pontualizou a entidade.

Mas, no distrito do Zango, há muitos outros problemas por resolver. A constante falta de água potável e de energia eléctrica propiciam o aumento dos roubos e assaltos à mão armada. Os moradores clamam pelo fornecimento regular deste dois bens essenciais.

Sobre a falta de água, Fernando Binge, o administrador, desvalorizou as queixas, alegando que a situação não se verifica apenas no Zango.

"É um problema que afecta todo do município de Viana. Recentemente, trabalhamos com técnicos ligados ao Ministério da Energia e Águas e à EPAL, na consignação de empreitadas às empresas contratadas para construção de centros de distribuição e condutas adutoras de transporte e distribuição de água", explicou.

Segundo a mesma fonte, no âmbito das 700 mil ligações domiciliárias, foram feitas ligações de água no bairro da Estalagem (Km9). "Com a

conclusão deste projecto, 80 por cento da população de Viana vai beneficiar de mais água potável. O Executivo investiu muito, no capítulo da energia e água", disse.

Por outro lado, o administrador-adjunto anunciou, para breve, a retomada das obras de construção das bacias de retenção de águas e de infra-estruturas inacabadas do Zango. Fernando Binge esclareceu que uma equipa de técnicos do Ministério da Construção e Obras Públicas e da Unidade Técnica de Gestão e Saneamento de Luanda visitaram os pontos críticos e as obras por concluir.

Fernando Binge apelou os moradores do distrito do Zango à tranquilidade e paciência. "Em breve, vai assistir-se ao reinício das obras nas bacias e valas de escoamento das águas", garantiu. Os trabalhos, à entrada do distrito do Zango e das valas de drenagem, são da responsabilidade do Ministério da Construção e Urbanismo. Foram feitos alguns trabalhos na primeira fase do projecto, mas não foram concluída, devido à crise financeira que o país vive, justificou-se.

URBANIZAÇÃO

VIGAS DA PURIFICAÇÃO



ALTERAÇÃO As zonas ocupadas por moradias eram lavras

Novas terras para famílias camponesas

AS ZONAS do Zango hoje ocupadas por moradias eram lavras. Para tornar possível o plano das urbanizações, foi necessário retirar os camponeses daqueles lugares. Agora, é imperioso voltar a reassentá-los.

O administrador adjunto de Viana para Área Técnica e Infra-estruturas considerou que o processo corre a bom curso.

"A situação das famílias camponesas, localizadas no distrito do Zango, está controlada. O processo começou em 2004, altura que se iniciaram as primeiras construções.

Durante o processo, ocorreram muitas situações, umas agradáveis, outras desagradáveis, provocadas pelos indivíduos que conduziram o processo. Existem camponeses que ficaram por indemnizar", explicou Fernando Binge.

Entretanto, a administração de Viana trabalha com esses camponeses para encontrar uma solução. "Estamos a estudar, com o Governo da Província, as vias para indemnizar os camponeses, quer seja com dinheiro, quer pela cedências de casas", afirmou.

Fernando Binge reconheceu haver pessoas a viver em péssimas condições. "Estes indivíduos estão localizados nos bairros Cajueiro, Walale, Kikuxi 2, Kitocoló e inclui as famílias que saíram da Ilha de Luanda e do perímetro da Zona Económica Especial.

COMISSÃO FISCALIZADORA

A Administração de Viana criou, no fim do mês de Novembro, uma comissão técnica para a fiscalização das obras, cedências e combate à ocupação e venda ilegal de terrenos.

A notícia publicada no dia 27 de Novembro, por este Jornal, que fazia referência à venda e ocupação ilegal de espaços reservados à construção de infra-estruturas sociais, terá precipitado a criação do referido grupo de trabalho.

A comissão ora criada é coordenada pelo administrador municipal adjunto para Área Técnica e infra-estrutura, Fernando Binge, e integra técnicos da Administração Municipal de Viana, dos Serviços de Investigação Criminal e da Polícia Nacional.

O grupo tem a incumbência de avaliar as vantagens e desvantagens da execução de obras sociais, demolição de infra-estruturas construídas sem autorização, bem como tratar das licenças de construção para obras de melhoramento.

O município de Viana regista inúmeros casos de ocupação e venda ilegal terrenos, cujas denúncias apontam para o envolvimento de pessoas ligados a Administração de Viana.

As queixas indicam, igualmente, que as áreas do Zango, Mulenvos, Musseque Baia e Vila Flor têm registado ocupações e vendas de terrenos. **FM**



TAXA
DE LIMPEZA DE
LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:
-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos
KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO
-Depósito no BCI, Conta nº
3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)
Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**



Linhas de Apoio do GPL

923166757
226426242
whatsapp
995237464





NO ECRÃ SAÚDE PÚBLICA TINHA ESPAÇO

Às vezes, passavam-se documentários sobre saúde pública, vacinação, medidas de combate aos mosquitos, redes mosquiteiras, camiões-tifa - "carros de fumo", como lhes chamávamos nos bairros, sempre a correr atrás deles, descalços, de chinelos de dedo...



ERA ASSIM INFORMAÇÃO GERAL ANTES DOS FILMES

Antes dos filmes, vinham sempre os desenhos animados. E antes destes, os documentários do CITA, sobre os "avanços" no Ultramar, na guerra colonial, na exportação de madeira, café, algodão, sisal, as novas construções, portos, prédios...

ENTRETENIMENTO

Nem cinema "Volante"

A província de Luanda reúne, hoje, cerca de 6,9 milhões de habitantes, mas há municípios que nem uma sala de cinema têm.

Oswaldo Gonçalves

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Na antiga Casa de Lisboa, na Ilha do Cabo, em Luanda, estava a ser construída, por altura da Independência, um novo cinema, que se ia juntar ao parque com baloiços e escorregas, aos aquários com peixinhos de várias cores e ao pequeno espaço para cinema já existente, que, durante o dia, era campo para modalidades de salão, vedado por uma cerca de rede de capoeira, que afastava quem se quisesse infiltrar, com pequenas descargas eléctricas.

A antiga Casa de Lisboa, na Ilha do Cabo, em Luanda, era frequentada por gente da elite, ficava mesmo ao lado do Centro da Mocidade Portuguesa, que tinha escola de vela, campo para modalidades de salão, amplo refeitório. Era um local com boa vizinhança, ainda que se criassem gatos vadios nos estaleiros da Hidroportos e, mais adiante, des-

carregassem as "catroncas" do IPPA, albacora-merma, quando era tempo dela, caixas de lulas, camarões e pescadinhas congeladas, que se comiam fritas com o rabo na boca, trazidas dos arrastões espanhóis, a troco de pacotes de café em grão, frascos de café Ginga, volumes de AC, Senador e Hermínios, latas de leite em pó cheias de liamba, quando o kimbumbu teimava em não "comer".

Mas, pelo menos, tinha cinema. Não era nenhum "Restauração", "Estúdio" ou "Avis". Não era mesmo um "Miramar", "Liz" ou sequer um "SMAE", mas dava filmes. Quando vinha a noite, estendia-se um pano branco a fazer de ecrã e projectava-se o "O Dia Mais Longo", "King Kong", "Trinitá, Cowboy Insolente", "Charlot" ou "Cantinfilas". Via-se, ria-se, comiam-se pipocas, bebia-se "Crush" ou "Pepsi-Cola". Afinal, era um cinema. Nas sessões mais tardias, quando já só havia gente graúda, punham-se coisas mais picantes: "Quando as Mulheres Jogavam Ding-Dong", "Garganta Funda" e por aí,

Antes dos filmes, vinham sempre os desenhos animados. E antes destes, os documentários do CITA, documentários sobre os "avanços" no Ultramar, na guerra colonial, na exportação de madeira, café, algodão, sisal, as novas construções, portos, prédios, colonatos, chegada de militares e mais militares, na maioria "maçaricos", "para Angola em força"...

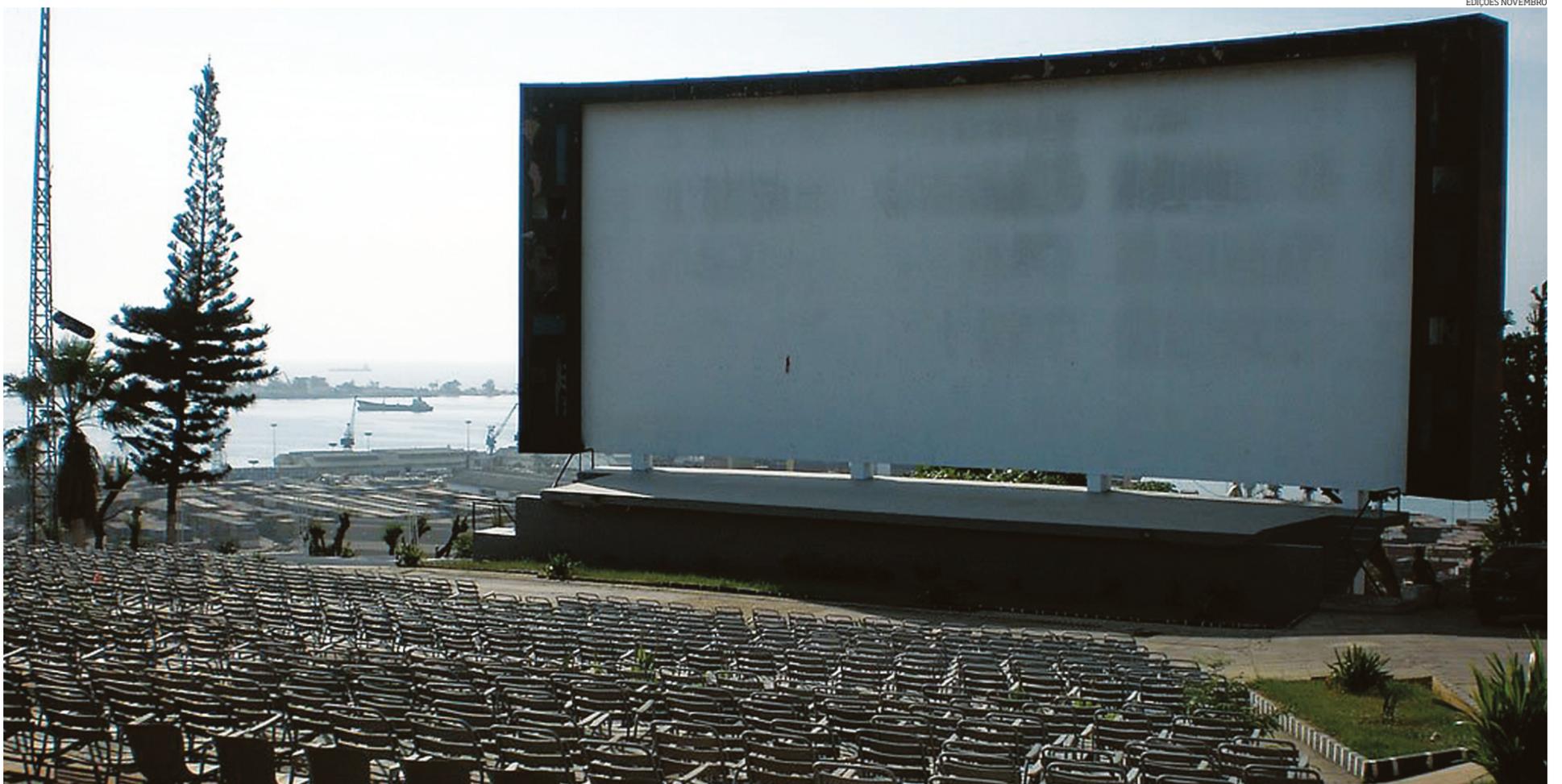
O mesmo passava-se nos musseques. "Cinema Volante" lhe chamavam, carrinhas e furgões percorriam os bairros, estendiam-se lonas e lençóis, era assim. Às vezes, passavam-se documentários sobre saúde pública, vacinação, medidas de combate aos mosquitos, redes mosquiteiras, camiões-tifa - "carros de fumo", como lhes chamávamos nos bairros, sempre a

correr atrás deles, descalços, de chinelos de dedo, chupascocó, quando muito, uns "João - Domingos" da Macambira, calções dos fardos, rasgados de tanto brincar à "Mamã Muchacha", sem ceroulas, com remendos no cú. Era assim. Era cinema.

A província de Luanda tem hoje cerca de 6,9 milhões de habitantes. Possui municípios emblemáticos pela extensão territorial, pela importância económica e pelo número de habitantes. Estima-se que a população de Luanda, 369 pessoas por cada km², 3.543.390 mulheres e 3.401.999 homens, ou seja, 96 homens para cada cem mulheres, seja, na sua maioria, jovem. O censo, realizado em 16 de Maio de 2014, destaca o município de Luanda com maior número de ha-

bitantes: 2.194.747 pessoas. O Cazenga, com as comunas do Tala-Hadi, Cazenga e Hoji ya Henda, numa extensão territorial de 38,6 quilómetros quadrados, tem a maior densidade populacional, tem 892.401 habitantes.

Cacuaco estima-se que tenha 1.070.147 residentes, em paralelo, as bebidas caseiras e as drogas, a prostituição e o servilismo. Não dispõe de uma só sala de cinema de referência. O povo vê os filmes dos canais da parabólica ou dos espaços clandestinos, onde grassam, em paralelo, as bebidas caseiras, as drogas e a prostituição. O cinema volante, nem vê-lo, nem que seja só para passar pequenos documentários sobre saúde pública, vacinação, medidas de combate aos mosquitos, flitres, redes mosquiteiras, camiões-tifa - "carros de fumo", como lhes chamam nos bairros, os ndengues sempre a correr atrás deles, descalços, de chinelos de dedo, calções dos fardos, rasgados de tanto brincar à "Mamã Muchacha", sem ceroulas, com remendos no cú.



VAZIO A província de Luanda tem hoje cerca de 6,9 milhões de habitantes e municípios emblemáticos, pela extensão territorial e pela importância, mas quase não tem cinemas



PRODUÇÃO
VONTADE DO CLIENTE
DEFINE O TRABALHO

Miguel Celestino e Mateus Pangai, marceneiros, dizem que, conforme o pedido dos clientes, fazem portas, janelas, mesas e cadeiras, camas, guarda-roupas, cómodas e demais artigos decorativos de uso doméstico e para empresas.



FALTAM APOIOS
LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

A falta de apoio das instituições ligadas ao ramo é outro dos obstáculos à expansão do negócio e ao aumento do número de funcionários. No mercado, marceneiros, operadores de máquinas, niveladores, desenhadores de mobílias e até os "matocheiros" lutam pela sobrevivência.

MARCENARIA

ROGÉRIO TUTI | EDIÇÕES NOVEMBRO



"Made in Kicolo"
para substituir
importações

Se, no mercado do Kicolo, ontem vingou a venda de blocos para a construção civil, hoje, o movimento anda à volta da madeira e dos mobiliários

Mazarino da Cunha
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A poeira e o cheiro abafado de palha da madeira dominam o ambiente, no mercado do Kicolo. Ouve-se o barulho das máquinas em acção, sob o comando dos operários. Homens e máquinas impulsionam uma das mais antigas profissões da História da Humanidade: a carpintaria, que, nos dias de hoje, evoluiu para a marcenaria. As novas técnicas contribuíram para este salto.

O mercado do Kicolo foi, durante muitos anos, dominado pela venda de madeira e de blocos para a construção civil. Ambos negócios vingaram. Mas é de marcenaria que vamos falar. Marceneiros de quase toda cidade de Luanda têm, neste espaço de vendas, a solução para seus problemas relativos à matéria-prima. As máquinas como tópia, desengrossadora, garlopa e a serra facilitam o trabalho de dezenas de jovens, tanto na selecção, como no tratamento e transformação de troncos de madeira para a fabricação de artigos diversos.

No local, é notória a vontade dos jovens de várias idades em aprender a profissão, embora, para muitos, este ofício pareça estar a morrer. Porém, na

Comuna do Kicolo, município de Caucaco, uma grande oficina a céu aberto dá vida à profissão. Jovens de várias idades seleccionam, tratam e transformam a madeira.

Entre os vários operários a laborar no local está o serrador de madeira Domingos Raul. Desde os 14 anos de idade que faz este trabalho. Agora, com 41, continua a exercê-lo, mesmo com as inúmeras dificuldades técnicas. A falta de equipamentos modernos, de energia eléctrica da rede pública e de acesso ao crédito bancário contam-se entre os obstáculos. "Ainda assim, é possível ocupar muitos jovens e ensinar-lhes uma profissão", garantiu.

FALTAM APOIOS

A falta de apoio de instituições do ramo madeireiro é outro dos obstáculos para expandir do negócio e aumentar o número de funcionários. No mercado do Kicolo, marceneiros, operadores de máquinas, niveladores, desenhadores de mobílias e até os "matocheiros" (intermediários) lutam pela sobrevivência.

"O dia-a-dia no mercado não tem sido fácil", desabafou Domingos Raúl, serrador de madeira desde 1993. Contudo, garante os trabalhos

feitos têm "muita qualidade", embora pouco conhecidos.

"A falta de divulgação do trabalho que fazemos leva a que muitos clientes comprem mobílias e outros artigos em madeira, vinda do exterior e com pouco durabilidade", realçou.

Criador da sua própria máquina de corte, Domingos Raúl emprega cinco jovens, que, em conjunto, talham, por dia, entre 50 e 70 troncos de árvores, vindas de várias províncias do país. "Cada corte de tronco custa quatrocentos Kwanzas", esclareceu.

Além dos operadores de máquinas, como Domingos Raúl e outros, existem os marceneiros. Estes têm a função de fabricar mobílias e outros os artigos em madeira. Muitos deles estão há mais de 20 anos na profissão. Com o lápis na mão, desenham os modelos das mobílias e de outros objectos de uso doméstico e industrial, solicitados por clientes.

Miguel Celestino, marceneiro há dois anos, disse que, conforme o pedido dos clientes, fazem portas, janelas, mesas e cadeiras, camas, guarda-roupas, cómodas e demais artigos decorativos de uso doméstico e para empresas. Ele explicou que, entre as diferentes qualidades de madeira, as mais usadas são a moreira, kibala e dianunu.

Miguel Celestino não se queixou do trabalho que faz, mas lamentou a ausência do Governo, no incentivo e na busca de políticas de apoio técnico, financeiro e de escoamento dos produtos fabricados, por jovens angolanos, para os mercados formais da capital.

"Mesmo com madeira de qualidade, o angolano prefere a mobília vinda do estrangeiro, que estraga com uma simples gota de água", lamentou Miguel Celestino.

A falta de apoio preocupa todos os operários do mercado do Kicolo. "Mas acredito que o novo executivo poderá inverter a situação que se vive hoje", disse, por seu lado, Simão Ernesto, operador da máquina tópia.

Simão Ernesto descreve a função de todas as máquinas da serralharia a céu aberto. A Serra serve para cortar os troncos de árvores em madeira. Já a tópia molda a madeira, enquanto a desengrossadora nivela madeira

numa medida única. A garlopa desenha ao gosto da mestria do marceneiro.

Se as ferramentas indispensáveis para o trabalho de marcenaria existem, falta aos operários a devida protecção. Simão Ernesto reclama da falta de segurança no trabalho, no mercado do Kicolo.

"Aqui, há uma luta entre os homens e as máquinas. Não usamos meios de protecção, como máscaras, luvas, botas e capacetes. Por isso, o mínimo descuido tem sido fatal para os nossos membros superiores", alertou.

"MATOCHEIROS" ENTRAM NOS NEGÓCIOS.

Enquanto os operários trabalhavam num ambiente ensurdecido, era notória a presença de jovens, que desciam e subiam à caça de clientes. Os chamados "matocheiros", aqueles oportunistas que pegam os clientes logo à entrada. Eles são os primeiros a negociar o valor do produto.



TIRAR PROVEITO UMA OPORTUNIDADE DE EMPREGO

As oportunidades aparecem, às vezes, onde menos se espera e, nada melhor do que agarrá-las, pois nunca se sabe se voltam. Para muitos jovens pintores de unhas ou esteticistas de rua, foi melhor agarrar a oportunidade, a ter de se tornar num marginal. E hoje fazem a vida à custa desse emprego.



LUGARES E PREÇOS SERVIÇOS EM RUAS POR ATÉ 3.500,00 KZS.

Maculusso, Mártires, Nelito Soares, São Paulo e Mutamba são zonas da cidade de referência na pintura de unhas na rua. Os preços pelos diferentes conjuntos de serviço podem variar entre 500 e 3.500,00 Kwanzas.

TRATAMENTO



PROFISSIONALIZAÇÃO Muitos empreendedores observaram no negócio das unhas uma oportunidade não apenas de emprego, como também de praticar a arte por que se ganhou gosto

Mãos masculinas pintam e aplicam unhas a mulheres

Muitos são os jovens rapazes que contribuem para a vaidade das mulheres, adornando-lhes as unhas

Domiana N'jila

jornal.luanda@ediçõesnovembro.co.ao

A unha, estrutura composta por queratina, na maior parte dos vertebrados terrestres, pode tornar-se num luxo, para quem dá valor e atenção às questões de estética. Estudos dizem que tudo terá começado no Egito. Chineses, romanos e japoneses, mulheres e homens pintavam as unhas. Há quem diga que Cleópatra chegou a decretar uma lei que dizia que só ela podia usar verniz vermelho.

As oportunidades aparecem, às vezes, onde menos se espera e, nada melhor do que agarrá-las, pois nunca se sabe se voltam. Para muitos jovens pintores de unhas ou esteticistas de rua, foi melhor agarrar a oportunidade, a

ter de se tornar num marginal.

É o caso do jovem Manuel Lino, que pinta unhas há mais de uma década, no bairro do São Paulo, em Luanda. Ele conta que tudo começou com o incentivo do irmão mais velho, que viu no negócio das unhas uma oportunidade para fugir do mundo da delinquência.

De tanto ver o irmão a trabalhar, Manuel Lino passou a imitá-lo e hoje é uma espécie de empresário. “O negócio é rentável. Temos clientes todos os dias e, do pouco que fazemos diariamente, conseguimos juntar um bom bocão no final do mês”.

Manuel Lino preferiu começar a nossa conversa dizendo o quão satisfeito se sente, pelo facto de hoje ter o que pôr à mesa da família para comer. Quanto ao material de trabalho, ele explica que teve de ser visionário e apos-

tar em equipamentos que os salões mais sofisticados têm. Mas o segredo, para o lucro, está no preço.

“Fazemos os preços mais acessíveis do mercado, desses que qualquer pessoa consegue pagar e sai com a autoestima elevada. Tratamos da manicure e da pedicure de homens e mulheres e até de crianças. O nosso material é esterilizado e não há risco de infecção”, esclareceu. Há mais de 10 anos que Manuel Lino faz este trabalho e já conseguiu comprar um terreno, onde está a construir a sua casa própria. O jovem fala do seu trabalho com orgulho. Diz que o mercado angolano é flexível e que consegue 90 por cento do material que usa nos armazéns da capital luandandense.

“O material que uso compro no Hoji Ya Henda. Mas as máquinas para a

pintura do gelinho e gel trouxe da China. Compenso investir neste negócio, porque o povo luandense é vaidoso. Quando o assunto é beleza e estética não mede esforços”, disse.

CLIENTES

Margarida Lourenço preocupa-se com a aparência das suas unhas. Ela chega ao lugar onde Manuel Lino trabalha, já a reclamar, explicando que não queria aplicar novamente.

“Tirei as unhas postizas há dias e ainda tenho feridas, por causa da aplicação passada. Neste mundo da beleza das unhas, o nosso

inimigo é a cola que, quanto mais forte, mais a aplicação dura. Mas destrói a unha natural”, queixou-se.

Manuel Lino tem aconselhado as clientes a usar um tipo de cola que não danifica a unha. “Mas elas preferem a cola que dura mais, porém, danifica muito a unha e chega a provocar ferimentos nos dedos e nas unhas. A minha cliente veio a queixar-se de dores, mas foi avisada que isso aconteceria”, explicou o jovem.

Nestes casos, a cliente é aconselhada a não usar por pelo menos dois ou até três meses as unhas postizas.



**CÁSSIA PATRÍCIA
UNHAS POSTIÇAS AOS 16 ANOS**

Cássia Patrícia tem 23 anos e começou a usar unhas postiças com apenas 16 anos. “Os meus pais nunca me proibiram nada. Simplesmente, pedem para que eu tenha cuidado e juízo. Comecei a usar unhas postiças aos 16 anos, isso porque ia participar numa cerimónia. Foi então que apliquei as minhas primeiras unhas e daí nunca mais parei”, conta.



**HISTÓRIA
DO EGÍPTO ANTIGO
AOS DIAS DE HOJE**

Estudos dizem que tudo terá começado no Egípto. Chineses, romanos e japoneses, mulheres e homens pintavam as unhas. Há quem diga que Cleópatra chegou a decretar uma lei que dizia que só ela podia usar verniz vermelho.

NESTE RAMO A FORMAÇÃO CONTA

Andrade Gomes, 25 anos de idade, preferiu procurar formação profissional para aperfeiçoar a arte de enfeitar as unhas de homens e mulheres. Ele vai mais fundo e aperfeiçoa também a forma de tratar cabelos. O jovem conta que, antes de decidir trabalhar no que realmente gosta, foi operador de máquinas, mas teve que desistir por causa de um acidente.

“O emprego a seguir exigiu de mim saber mais do que ter apenas paixão. Procurei um centro de formação em cabeleireiro e estética. No princípio do curso, percebi que sabia muito pouco, para dar asas ao meu sonho de trabalhar e ter o meu próprio negócio. Neste ramo da estética, a prática é que conta”, reconheceu.

Quando a formação arrancou, Andrade Gomes pensou encontrar mais rapazes na sala. Mas até hoje é o único, numa turma constituída por uma maioria absoluta de mulheres.

“Sei que quando queremos algo, temos de ignorar certos comentários e pensar positivo. Eu fiz isso. Não sou o primeiro homem a ser esteticista ou cabeleireiro”, disse.

De forma descontraída, conta que os familiares ainda não sabem do curso que está a fazer. “Quando souberem, vão ficar felizes, porque estou a praticar algo que gosto. As minhas

tias, primas e irmãs e até irmãos vão estranhar e querer que eu lhes trate da estética. Já tenho experimentado na minha noiva. Ela fica muito bonita”, garantiu.

O formando acredita que cada um tem a sua oportunidade e tempo para realizar os sonhos. “Há tempo para tudo. Aconselho as pessoas a agarrarem as oportunidades que a vida lhes dá. Não tenham preconceito e apostem noutras coisas que podem vir a dar sustento à família, com dignidade”. Andrade Gomes acredita que o futuro é dos arrojados.

USAR SEM ABUSAR

Cássia Patrícia tem 23 anos e começou a usar unhas postiças com apenas 16 anos.

“Os meus pais nunca me proibiram nada. Simplesmente pedem para que eu tenha cuidado e juízo. Comecei a usar unhas postiças com 16 anos, isso porque ia participar numa cerimónia. Foi então que apliquei as minhas primeiras unhas e daí nunca mais parei”, conta.

A jovem alerta as mulheres para a necessidade de terem cuidado e de usar sem abusar. “O normal é usar em ocasiões especiais, porque pode criar um vício e danificar as unhas.

Quando bem cuidadas, as unhas dão-nos um ar mais fino e elegante, ficamos deslumbrantes”.

Cássia Patrícia tem cuidados específicos com as unhas, antes e depois de aplica-las. “Só uso em ocasiões especiais, para não danificar as unhas naturais. Depois de aplicar, fico com elas entre um mês e mês e meio. Quando as retiro, deixo passar mais um mês, para que elas recuperem da agressão da cola, que é muito forte”, explica.

Maculusso, Mártires, Nelito Soares, São Paulo e Mutamba são zonas da cidade de referência na pintura de unhas na rua.

PREÇOS POR TRABALHOS

- Manicure simples:** 500 kwanzas
- Manicure simples com aplicação de gelinho nas unhas naturais:** 1500 kwanzas
- Manicure com aplicação de unhas normais:** 1500 kwanzas
- Manicure com aplicação de unhas com gelinho:** 2500 kwanzas
- Manicure com aplicação de unhas de gel:** 3500 kwanzas
- Pedicure normal:** 500 kwanzas

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



CONFIANÇA Muitos jovens preferiram procurar formação profissional para aperfeiçoar a arte de enfeitar as unhas de homens e mulheres e hoje têm clientes que os não largam.



EPAL-E.P. SERVIR COM QUALIDADE CADA VEZ MAIS E MELHOR.

COMUNICADO

*Estimado Cliente,
Actualize o seu contacto telefónico nos
balcões das agências e postos comerciais da
EPAL-E,P para receber a conta do consumo
de água por mensagem (SMS).*

Horário: Aberto de Segunda à Sexta das 08H00 às 15h30
Sábado das 08h00 às 12h30

Água é vida. Dê vida à EPAL pagando o consumo



**Trabalhamos para manter
a tua rua sempre limpa.
Colabora connosco.**

Coloca o lixo em sacos e deita no contentor.
Um gesto tão simples faz toda a diferença.



TESTE

Desafio

1 - **Leonardo da Vinci**, considerado um dos maiores gênios da história da humanidade. Nascido na Itália foi uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento. Como pintor qual a sua obra mais notável?

- 1- Madonas
- 2- Mona Lisa
- 3- A anunciação
- 4- Pietà

2 - **Ernesto Guevara de la Serna**, conhecido como "**Che**" Guevara foi um revolucionário guerrilheiro, político, jornalista, escritor e médico. De que nacionalidade foi "Che"?

- 1- Argentino
- 2- Mexicana
- 3- Cubana
- 4- Peruana

3 - **Valhala** é um lugar mitológico, majestoso e enorme salão com 504 portas, situado em Asgard, dominado pelo deus Odin como lar para os mortos. De que mitologia se trata?

- 1- Celta
- 2- Grega
- 3- Nórdica
- 4- Hebraica

4 - **Orion** na mitologia foi um gigante caçador, colocado entre as estrelas. Que mitologia...

- A- Celta
- B- Hebraica
- C- Védica
- D- Grega

RESPOSTAS

- Desafio:**
 1 - 2 - Mona Lisa.
 2 - 1 - Argentino
 3 - 3 - Mitologia Nórdica
 4 - D - mitologia grega
- Palavras Cruzadas**
- Horizontais**
 1- LOGE; 5- MIMAR; 10- ALAR; 11- BRIGAR; 13- REGATA; 15- LAMA; 16- VOO; 17- AIA; 19- ROL; 20- AS; 21- ARAMAR; 23- ONDE; 25- AZAR; 28- AVIADO; 30- IP; 32- EIS; 34- ANO; 35- USA; 36- DOCE; 38- DRENAR; 40- AGENDA; 42- LIDA; 43- AREAR; 44- ORAR.
- Verticais**
 1- LARVA; 2- OLEOSO; 3- GAGO; 4- ERA; 5- MIBAIA; 6- IR; 7- MIL; 8- AGARRA; 9- RAMO; 12- RALO; 14- TAREIA; 18- AMADOR; 21- ADV; 22- AZO; 24- NASCER; 26- RISADA; 27- VEDA; 29- ANAR; 31- PARAR; 33- IOGA; 35- UNIR; 37- ENE; 39- ELO; 41- DA.

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



A visão do bebé ao nascer

A visão é o sentido menos desenvolvido à nascença. Ao nascer, a visão ainda não está completamente desenvolvida e o bebé só consegue focar a pequenas distâncias (a distância que vai do rosto da mãe ao peito).

Até atingir um mês de idade, o bebé vê tudo desfocado e quase tudo a preto e branco (cores de alto contraste).

Os músculos dos olhos ainda são imaturos, o que dificulta a fixação dos objectos necessária para uma visão nítida. Como o cérebro precisa de algum tempo para "aprender a ver" esta capacidade vai-se desenvolvendo

nos primeiros três meses de vida em simultâneo com a coordenação mão-olho.

À medida que o cérebro processa a informação visual, as luzes, as formas e as cores começam a formar um quadro lógico e a reflectir o mundo real.

Com três a quatro meses de idade, o bebé já é capaz de distinguir cores e formas;

Aos quatro meses, o bebé consegue identificar o rosto da mãe;

Aos oito meses de idade a visão do bebé é praticamente perfeita.

Durante os três primeiros anos de vida, os pais devem le-

var a criança ao oftalmologista por muito ligeiros que lhes pareçam os sintomas observados.

Um desses problemas pode surgir aos três meses. Se observar que o seu bebé desvia constantemente os olhos para dentro ou para fora e se ao 5º ou ao 6º mês a situação não melhorar, deve consultar um especialista. Pode tratar-se de um caso de estrabismo.

Usar brinquedos coloridos e adequados a cada etapa do desenvolvimento do bebé, desde o nascimento, é uma excelente forma de proporcionar novas experiências e promover o desenvolvimento infantil.

Palavras Cruzadas

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
10				11					12
13			14			15			
16			17		18		19		
20			21			22			
	23	24			25			26	
27		28			29			30	31
32	33			34				35	
36			37		38		39		
40				41			42		
							44		
				43					

Horizontais

- 1 - Rio de Angola que nasce no município de Quitexe, província de Uíge e desagua no Oceano Atlântico, imediatamente a Norte da cidade de Ambriz.
- 5- Exprimir por mímica.
- 10- Em forma de asa.
- 11- Lutar.
- 13- Corrida de embarcações.
- 15- Sacerdote budista tibetano.
- 16- Meio e modo de locomoção através do ar.
- 17- Camareira.
- 19- Lista.
- 20- Elas.
- 21- Cercar com arame.
- 23- No qual lugar.
- 25- Má sorte.
- 28- Atendido.
- 30- Internet Protocol (sigla).
- 32- Aqui está.
- 34- Espaço de 12 meses.
- 35- Utiliza.
- 36- Que tem sabor agradável.
- 38- Escoar.
- 40- Livro para anotação do compromissos ou tarefas em determinados dias.
- 42- Azáfama.
- 43- Limpar com areia, cinza, etc.
- 44- Rezar.

Verticais

- 1- Lagarta.
- 2- Que tem óleo.
- 3- Que ou aquele que gagueja, tartamudo.
- 4- Época.
- 5- Ultrapassagem na estrada.
- 6- Caminhar para lá.
- 7- Dez vezes cem.
- 8- Apanha.
- 9- Divisão do tronco de uma árvore.
- 12- Lâmina com muitos orifícios para coar a água e outros líquidos.
- 14- Sova.
- 18- Cultor curioso de qualquer arte.
- 21- Advérbio (abreviatura).
- 22- Oportunidade.
- 24- Ter princípio ou origem.
- 26- Gargalhada.
- 27- Guarnecer com vedação.
- 29- Dar passos.
- 31- Não continuar.
- 33- Método especial de ginástica de origem oriental em que os exercícios respiratórios têm papel fundamental.
- 35- Juntar.
- 37- Nome da letra N.
- 39- Ligação (figurado).
- 41- Redução das formas linguísticas "de" e "a" numa só.

Cinema

ZAP Cinemas

Semana: 08 a 14 de Dez

- Título: **Paddington (IMAX)**
- Género: **animação.**
- Sessões: 13h00/15h30/18h00 /20h30/23h00 (sexta, sábado e véspera de feriados)



- Título: **Uma estrela de natal**
- Género: **Comédia** (sala 5)
- Sessões: /14h00 (sexta, sábado e feriado) 12h50/15h00/17h10



- Título: **Liga da Justiça**
- Género: **acção/ ficção**
- Sessões: 12h50/ 15h30/ 18h10/ 21h00/ 23h50 (sex, sáb e véspera de feriado)



CINEMAX /Kilamba

Semana: 01 a 07 de Dez

- Título: **24 Horas Para Viver***
- Género: **Acção.** (sala Vip)
- Sessões: 13h50/16h20/18h40 /20h50/23h00

- Título: **Liga da Justiça 3D***
- Género: **acção, aventura** (sala 1)
- Sessões: 13h00/15h40/ 18h20/21h00/23h40

- Título: **O rapto 93m** (sala 2)
- Género: **acção, suspense.**
- Sessões: /13h20/15h30 /18h00/20h10/22h20

- Título: **Uma estrela de natal**
- Género: **Comédia** (sala 3)
- Sessões: /13h00/15h00/17h00

- Título: **A Montanha entre Nós***
- Género: **Acção.** (sala 3)
- Sessões: 19h00/21h30/17h30

- Título: **Coco 3D** (Aventura de Otis)
- Género: **animação.** (sala 4)
- Sessões: 13h10/15h50/18h30 (excepto dia 12 de Dezembro)

- Título: **Sete Irmãs** (sala 4)
- Género: **acção, Sci Fi**
- Sessões: 21h10/ 23h50

- Título: **Paddington 2 VP**
- Género: **Animação.** (sala 5)
- Sessões: 13h30/16h00/18h50

- Título: **Thor: Ragnarok 3D**
- Género: **acção.** (sala 5)
- Sessões: 21h00 apenas hoje

**MATIAS DAMÁSIO
CONCERTO NO BELAS**

Matias Damásio realiza, no próximo domingo, a partir das 17h30, um concerto que pensa reunir alguns convidados especiais. O autor de "Loucos" e "Matemática do Amor" vai reverter parte do valor dos ingressos para ajudar o Hospital Pediátrico David Bernardino.



**KYAKUKYADAFF
CANTOR APRESENTA
"IGUAL AO PRAZER"**

Kyaku Kyadaff faz o lançamento do seu mais recente trabalho discográfico, intitulado "Igual ao Prazer". As vendas, estão marcadas para os dias 16 e 17 do corrente, na Praça da Independência, Casa da Juventude, em Viana, e no Belas Shopping.



EVENTOS



LIOETH CASSOMA Uma das vozes mais apreciadas

**SHOW GOSPEL
NO CINE ATLÂNTICO**

Dodó Miranda, Bambila, Célsio Mambo, Irmã Sofia, Lioeth Cassoma, Miguel Buila, Grace Zulu e o Grupo Coral Josafat fazem parte do cartaz do "Show do Ano" da música gospel, a decorrer na próxima quinta-feira, 14, no Cine Atlântico. A abertura das portas está marcada para as 17h00, sendo que as actuações iniciam às 19h00. Os ingressos custam 2.000 kwanzas e estão à venda no local do evento na Discoteca Valódia.



FUSÃO Escritor ajuda a unir a literatura à música

**ONDJAKI E MÚSICOS
BRASILEIROS EM SHOWS
INÉDITOS NO CCBA**

O Centro Cultural Brasil-Angola e a Embaixada do Brasil em Luanda apresentam a performance de escrita ao vivo e improvisação musical "O Mar é uma Casa Aberta" e "Odu, Onde a África Faz Eco no Brasil", na quarta e quinta-feira próximas. No palco do auditório do CCBA, o escritor angolano Ondjaki cria textos ao vivo e é acompanhado por um quarteto de músicos brasileiros, em improvisação com guitarra, percussão, clarinete e violoncelo. Na quarta-feira, a performance tem a particularidade de a música dialogar com uma narrativa feita em tempo real. O processo de improvisação é dinâmico, pois há partes do show onde a música comanda a narrativa. Já na quinta-feira, o quarteto brasileiro apresentará um repertório de afoxé, maracatu e samba, ritmos tipicamente afro-brasileiros. Na referida noite, o estilo Odu está em evidência, num colectivo de compositores e arranjadores formado por Maria Clara Valle (violoncelo e voz), Hudson Santos (violão), PC Castilho (flautas e voz) e Diego Zangado (bateria, percussão e voz), que desenvolve um trabalho musical através do diálogo, com os reflexos da cultura africana no Brasil.

RIBALTA

**TZ, o músico
da plataforma
digital**



Chama-se Herlander Ferreira e o nome artístico de "TZ", músico e compositor angolano que prepara a reedição do seu primeiro trabalho discográfico, intitulado "Momento da verdade". Com outros músicos do país, como Nsoki e Pérola, TZ concorreu, este ano, pela primeira vez, para o Prémio Internacional Portuguese Music Awards, no Estados Unidos, na categoria de "Novo Talento".

Apesar de não ter ganhado o prémio, o músico, natural da Maianga, Luanda, sente-se orgulhoso e trabalha com afinco para, até Fevereiro, colocar no mercado o seu "Momento da Verdade".

"A ambição é continuar a trabalhar para a profissionalização, afim de conquistar o espaço nacional na área da música", disse o músico, que tem no R&B a sua maior caracterização.

O disco em vista conta com 13 faixas, cantadas no estilos kizomba e R&B. TZ canta o amor, sedução, diversão e declarações, estas sempre para as mulheres. As musicas "Adoro" e "Teu Charme" são as que mais se ouvem nas plataformas digitais, um dos meios mais utilizados pelo artista para a divulgação dos seus trabalhos.

"Sempre trabalhei em plataformas, tal como acontece nos outros países. Agora que regressei à minha terra natal, procuro, junto dos meios de comunicação massiva, rádio, televisão e jornais, passar as minhas musicas", disse.

O tema "Adoro" é dos ouvidos: "Esse teu olhar está me convidar/ o teu tarraxar está me provocar/ esse teu vestir quer ficar no meu quarto/ esse teu batom está a borrar a minha camisa/ do jeito que apertas me faz esquecer o coro, ADORO...". Trecho da música que faz sucesso nas plataformas digitais.

O disco "Momento da Verdade" conta com a participação de Nery Borges, de Angola, e da Banda Ozone, Portugal. TZ é formado em Gestão, pelo Instituto Superior da Maia, Portugal, e tem um bacharelato pela Universidade de Mons, na Bélgica. Já subiu em palcos dos Estados Unidos, Portugal, além de ter actuado no Cine Atlântico, em Luanda.



MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO

CS

**O NOSSO LEITINHO TEM
TODOS OS SEGREDOS PARA NÓS
CRESCERMOS SAUDÁVEIS**



**MAIS HABITANTES
CONSUMO VAI SUBIR**

"De acordo com estudos do Plano Director Metropolitano de Luanda, em 2030, a nossa capital vai ter mais de 12 milhões de habitantes, o que, certamente, vai exigir maior consumo de água", vaticina o PCA da EPAL.



**CHAFARIZES
SOLUÇÕES INEFICAZES**

"Para a nossa realidade, os chafarizes não foram uma solução muito eficaz. Temos situações em que as populações partem os tubos de transportação de água para as suas residências, retirando a estes o objectivo social..."



ENTREVISTA

Leonídio Ceita, PCA da EPAL

"Trinta por cento da água que produzimos perde-se com o garimpo"

Além dos constrangimentos causados pelo garimpo de água, Leonídio Ceita mostra-se também preocupado com a dívida de clientes para com a EPAL, hoje estimada em 48 mil milhões de Kwanzas.



António Pimenta
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Como caracteriza a situação da distribuição de água em Luanda?

O crescimento desordenado da cidade, aliado ao crescimento da população, teve uma influência significativa no fornecimento de água em Luanda. O sistema actual conta com uma capacidade instalada de 733.690 m³/dia, que ainda não corresponde à demanda populacional. Vários esforços estão em curso, no sentido de aumentar a produção e a distribuição, reduzir o défice e garantir maior cobertura. Estes esforços estão alinhados às orientações emanadas pelo Executivo e passam, necessariamente, pela construção de novos sistemas de abastecimento de água (Bita e Quilonga Grande), que vão duplicar a capacidade actual em mais de 1,5 bilião de litros de água por dia.

Quais são, neste momento, os maiores constrangimentos na distribuição?

O garimpo constitui um enorme constrangimento à nossa actividade e a solução para esse problema não depende apenas da EPAL. Devemos e temos tido o apoio das forças policiais, para garantir a manutenção da ordem. Mas pensamos que o sistema judicial também tem a sua quota-parte da responsabilidade nisso. Esse problema representa um verdadeiro "cancro" para a nossa empresa. Cerca de 30 por cento da água que produzimos perde-se com o garimpo. Eles furam as nossas condutas e, de forma irresponsável, deixam a água correr para o chão quando não há camiões para carregar.

Decorre o projecto "70 Mil Ligações" domiciliare. No que consiste, afinal?

O projecto de "700 Mil Ligações" iniciou em 2012, com o propósito de beneficiar as zonas que careciam de novas redes de distribuição e ligações domiciliare (zonas peri-urbanas) e, por outro lado, garantir a substituição da rede de distribuição do casco urbano que se encontrava em estado obsoleto. Na sua fase de concepção, foi seleccionado um conjunto de bairros e foram definidas as ligações que, em princípio, seriam necessárias, em função do número de fogos habitacionais existentes. 526 mil ligações foram feitas, o que corresponde a um total de cerca de 80 por cento dos casos registados. Em função da crescente demanda, estão em curso novos projectos, no âmbito do "Plano de Acção", que, com a sua conclusão, no primeiro semestre de 2018, vão garantir melhoria do fornecimento de água à população.



PERCENTAGENS MENSALIDADES DESCEM

O pagamento mensal dos clientes da EPAL teve um rácio de 34 por cento, em 2017, menos três por cento que em 2016 e menos 12 por cento que em 2015. A EPAL tem estado a realizar acções de sensibilização junto da população, para o pagamento regular de água e a eliminação de dívidas...



À POPULAÇÃO ACESSO DE 46 POR CENTO

“Actualmente, cerca de 46 por cento da população tem acesso à água potável. A capacidade de produção actual é de 733.690 m³/dia e registou grande melhoria, alcançando em média 500 mil m³/dia. Prevê-se, até ao final do ano, uma produção equiparada à sua capacidade instalada”.

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Perspectiva Presidente do Conselho de Administração da EPAL aborda projectos virados à elevação da qualidade na produção e distribuição

BITA E QUILONGA GRANDE

Que bairros já foram beneficiados?

Destacamos as zonas de Vila Flor, Funda, Caope Velha, Candelabro, Panguila, Caxicane, Km 32 até Maria Teresa, Sapú, Bita Tanque e Bita Vacaria, etc. Por outro lado, com a construção de novos sistemas de abastecimento de água, está previsto o surgimento de novas redes de distribuição e execução de ligações domiciliárias nas zonas de influência do Bita e Quilonga Grande. Um dos grandes constrangimentos na distribuição é o desvio das condutas ou o chamado “Garimpo de Água”.

Em termos de números, é possível falar dos valores ainda necessários para, em definitivo, resolver-se o problema do fornecimento de água à capital?

Os investimentos necessários para a melhoria do fornecimento passam pela conclusão dos novos sistemas de abastecimento de água do Bita e da Quilonga Grande. A estes esforços, devem acrescentar-se a implementação de novos projectos, que, eventualmente, venham a surgir com as novas centralidades e outros projectos habitacionais ou industriais... **AP**



CAPITAL Melhoria na distribuição depende de apostas

Rede distribuidora conheceu aumento

Como está a cidade em termos das redes distribuidoras?

A rede de distribuição conheceu um aumento considerável. Por exemplo, em 1975, tínhamos 630 Km. Em 2012, esse número subiu para 2.645 Km. Actualmente, contamos com cerca de 9.500 Km.

Chafarizes e reservatórios para o fornecimento de água foram construídos em diversas áreas da cidade. Mesmo assim revelam-se ineficientes... Para a nossa realidade, os chafarizes não foram uma solução muito eficaz. Temos situações em que as populações partem os tubos de transportação de água para as desviarem para as suas residências, retirando a estes o objectivo social para o qual foram criados. Para inverter este quadro, estamos a planear a ampliação da capacidade de reserva de água dos Centros de Distribuição e a efectuar ligações domiciliárias, em detrimento da construção de chafarizes.

É possível fazer uma abordagem sobre as modalidades para a execução de contratos de ligação e fornecimento de água.

Os contratos de água têm valores definidos e variam de acordo com as áreas em que o cliente pretende ter os nossos serviços. São os documen-

tos exigidos para assinatura do contrato, uma cópia do BI, título de propriedade do imóvel e o Croquis de localização da residência, isso no caso de pessoas singulares. Para colectivos, exigimos cópias do Alvará Comercial, NIF, Publicação no Diário da República e cópia do BI do responsável da empresa solicitante. Após estes procedimentos, os técnicos da rede fazem uma visita ao futuro local de consumo, finda a qual é assinado o contrato de fornecimento de água.

Até onde vai o raio de acção da Epal?

A EPAL só responde pela província de Luanda e possui indicadores que demonstram o crescimento do fornecimento de água.

Que percentagem da população já beneficia do fornecimento de água?

Actualmente, cerca de 46 por cento da população tem acesso a água potável.

Recentemente, a EPAL anunciou a duplicação da capacidade de produção, na altura calculada em 380 mil metros cúbicos. Já se efectivou?

A capacidade de produção actual é de 733.690 m³/dia. A produção registou grande melhoria, alcançando em média 500 mil m³/dia. Prevê-se,

até ao final do ano em curso, chegar a uma produção equiparada a sua capacidade instalada.

Há situações difíceis de entender. Por exemplo, a cidade do Kilamba tem água, mas as zonas que a circundam não têm. Há até áreas que, embora próximas de centros de distribuição, estão sem água. Como se explica esta situação?

A Centralidade do Kilamba foi projectada numa zona fundiária do Estado, cuja concepção não previa o crescimento dos actuais bairros à sua volta. O Sistema de abastecimento de água foi construído exclusivamente para a Centralidade e, posteriormente, entregue a EPAL para exploração. No entanto, em função do surgimento de novos bairros à volta da Centralidade e considerando que a água é um bem social, a EPAL tem em curso a construção de Centros de Distribuição que vão servir para o abastecimento desta população, nomeadamente, de Cabolombo e da Vila Flor. Mesmo assim, ainda existem zonas que, apesar de estarem próximas dos centros de distribuição, continuam sem água. Logo, novos investimentos podem ser necessário para reparar a situação, que passa, inevitavelmente, pela criação de novas redes de distribuição. Os projectos estão já em curso.



**MAIS ÁGUA
PROJECTOS QUILONGA E BITA
VÃO SOLUCIONAR PROBLEMAS**

“Só os custos do projecto Quilonga estão avaliados em 600 milhões de dólares norte americanos, financiados pelo Banco Mundial. O Quilonga e o Bitá são praticamente dois projectos que, além de agregar valores à EPAL, vão representar a solução para os problemas de água em Luanda”.



**LIGAÇÕES
BENEFÍCIOS ÀS ZONAS**

“O projecto de ‘700 Mil Ligações’ iniciou em 2012, com o propósito de beneficiar as zonas que careciam de novas redes de distribuição e ligações domiciliárias (zonas peri-urbanas) e, por outro lado, garantir a substituição da rede de distribuição do casco urbano”.

Luanda cresceu substancialmente, havendo, por isso, muitas zonas sem água. Terá a EPAL o controlo deste bairros sem água?

A EPAL tem controlo dos bairros sem água, visto que trabalha com o Governo Provincial, administrações municipais e distritais, bem como as comissões de moradores. Quanto à solução do problema, já existem alguns projectos para o efeito.

Há bairros que beneficiaram da ligação domiciliária, mas as torneiras não jorram água. Como exemplo, parte do Cazenga, Mulenvos de cima, Km 9 e 12, Fofoca e Fubu, entre outros. O que terá acontecido?

O projecto das ligações domiciliárias deveria acontecer em simultâneo com os projectos de construção dos sistemas Bitá e Quilonga Grande. Mas, infelizmente, eles tiveram o arranque parcelar apenas este ano, para reforçar o abastecimento de água do projecto das 700 Mil Ligações. Por outro lado, quando finalizámos ligações domiciliárias num determinado bairro

ou zona, esse procedimento passa por uma fase de teste, para aferir a pressão e resolver possíveis roturas.

Haverá ainda esperança de moradores de prédios antigos terem água nas torneiras? Qual é o real problema?

A EPAL tem a responsabilidade de colocar a água até à entrada dos prédios. As ligações internas dos apartamentos devem ser feitas pela empresa construtora, as empresas que gerem os espaços ou os moradores. Mesmo assim, há ainda a necessidade de revisão da rede interna que se apresenta em estado obsoleto (são muito antigas), bem como a da instalação de um grupo hidropressor (ex. electrobomba) para recalcar a água até ao último ponto.

Consumidores continuam a queixar-se de facturas cobradas por estimativa. Há casos de residências não habitadas, mas facturas de consumo continuam a ser cobradas. Onde estará a falha?

A ausência de contadores em alguns

clientes leva-nos a efectuar a facturação por estimativa, o que não contraria a “Lei da Água”. Para as residências desabitadas, os proprietários devem comunicar à EPAL, para suspender a emissão das facturas.

Ainda há cobradores “fantasmas”, que continuam a levar dinheiro de consumidores, sem serem funcionários da EPAL. Como acabar com a situação?

Todos os pagamentos da EPAL são feitos em Banco ou através de outros sistemas automáticos presentes nas agências comerciais e postos de cobrança. Por isso, apela-se à população a não efectuar qualquer tipo de pagamentos directamente aos funcionários da EPAL ou a indivíduos que se identificam como tal.

Consumidores queixam-se também da morosidade da empresa na emissão da nota de cobrança. Alguns queixam-se de não fazer o pagamento, mas o sistema ainda não está disponível. Será que este constrangimento tem justificação?

Em Setembro registámos algumas irregularidades ocasionais de fórum técnico. Todavia, a EPAL emite as facturas de cobranças de 1 a 5 de cada mês, o que significa que, até ao dia 8 de cada mês, o cliente tem as suas facturas disponíveis para o devido pagamento na agência.

Qual é a percentagem mensal dos pagamentos dos consumidores?

O pagamento mensal dos clientes da EPAL teve um rácio de 34 por cento, em 2017, menos três por cento que em 2016 e menos 12 por cento que em 2015. A EPAL tem estado a realizar acções de sensibilização junto da população, para o pagamento regular de água e a eliminação de dívidas acumuladas. Mas não deixa de impor cortes aos clientes com dívidas muito.

“ Os municípios de Belas e Talatona encontram-se entre os que mais pagam, com taxas que oscilam entre os 71 e os 88 por cento do consumo, enquanto Cazenga e Kilamba Kiaxi estão entre os que menos pagam ...”

Dívidas de clientes estimadas em 48 mil milhões de Kwanzas

Em quanto estão estimadas as dívidas dos consumidores para com a EPAL?

Actualmente, a dívida de clientes está estimada em, aproximadamente, quarenta e oito mil milhões de Kwanzas.

Quais os municípios mais e os menos cumpridores, no que respeita a pagamentos?

Os municípios de Belas e Talatona encontram-se entre os que mais pagam, com taxas que oscilam entre os 71 e os 88 por cento do consumo, enquanto Cazenga e Kilamba Kiaxi estão entre os que menos pagam, com rácios que oscilam entre os cinco e os 16 por cento.

Em quanto estão avaliados os projectos do Bitá e Quilonga e o que se pode esperar deles, no que respeita à melhoria no fornecimento?

Só os custos do projecto Quilonga estão avaliados em 600 milhões de dólares norte americanos, financiados pelo Banco Mundial. O Quilonga e o Bitá são praticamente dois projectos que, além de agregar valores à EPAL, vai

representar a solução para os problemas de água em Luanda. Vamos ter, com estes dois projectos, dois milhões de metros cúbicos de água nas redes de distribuição.

Tendo em atenção a perspectiva de industrialização do país, vamos precisar de investir mais na eficiência e no combate às perdas, para garantir melhores serviços ao consumidor. De acordo com estudos do Plano Director Metropolitano de Luanda, em 2030, a nossa capital vai ter mais de 12 milhões de habitantes, o que, certamente, vai exigir maior consumo de água. Por esta razão, estamos a pensar na produção de água para que, quando chegarmos a 2030, estejamos em condições de responder às necessidades. Numa primeira fase, podemos ter um abastecimento significativo de água que evolua, progressivamente, de acordo com o aumento da densidade populacional. Não só muito apologista da produção contínua da água. Podemos ter, numa primeira fase, um abastecimento significativo, que evolua à medida que a população for aumen-



CONVERSA Presidente do Conselho de Administração da EPAL destapa a realidade da instituição

tando. Ou seja, investirmos mais na supressão das perdas e rentabilizarmos mais o consumo.

Em termos ambientais, em que condições se encontram as águas colhidas, por exemplo, do rio Kwanza, para o consumo humano?

Temos vindo a registar, com alguma preocupação, algumas alterações em relação à água do rio Kwanza, provocadas, talvez, pela descarga de resíduos das fábricas de refrigerante e cerveja que existem no Bom Jesus. Eles devem estar a fazer descargas de águas residuais no leito do rio, o que, a se confirmar, podem resultar em riscos acrescidos para as populações. Nos próximos dias, vamos realizar al-

guns estudos nas zonas afectadas, para apurar o tipo de produtos que estão a ser descarregados; quais são as empresas que o fazem e responsabilizá-las. Cada empresa tem de ter o seu sistema de tratamento de águas residuais, para que, quando as lançarem para o rio, estejam já tratadas.

Já pensaram, alguma vez, no aproveitamento das águas residuais para outros fins?

A questão não é a do aproveitamento que se apresenta aqui como um problema.

A verdade é que ela transcende à vontade da EPAL. Impõem-se aqui questões culturais. São procedimentos que representam ainda alguns tabus em sociedades como as nossas. No nosso caso concreto, tentamos fazer o aproveitamento da água da lagoa da Kilunda, para abastecer Fotosakala. A população naquela zona não aceitou a água tratada por achar que era imprópria para o consumo. Tudo isso porque os detritos são atirados para a lagoa. Dai que não aceitem literalmente nada que vem de lá.

“ Temos vindo a registar, com alguma preocupação, algumas alterações em relação à água do rio Kwanza, provocadas, talvez, pela descarga de resíduos das fábricas de refrigerante e cerveja que existem no Bom Jesus”.



Kituxi, Semba Muxima e Kamba Dya Muenho não fazem música folclórica. Esta realidade deixa evidenciar um certo estigma em relação à música ancestral e aos seus instrumentos ...

JORGE MULUMBA,
MÚSICO E PESQUISADOR

**NALASP
TEATRO INFANTIL**

A Companhia de Artes Sol-CAS apresenta, na Liga Angolana de Amizade e Solidariedade como os Povos (LAASP), uma série de peças infantis intitulada "A Menina que não Sabia Dançar". As apresentações decorrem 17 deste mês.



SOLIDARIEDADE

Ismaelitas garantem apoio ao Beiral

A comunidade Ismaelita em Angola garante apoio contínuo ao Lar de Terceira Idade Beiral, depois da visita que realizou, recentemente, ao centro, à qual fez a entrega de bens de primeira necessidade.

O grupo, num total de 30 empresários, levou arroz, feijão, óleo, massa alimentar, leite, iogurte, roupa usada, calçado, artigos de higiene, fraldas para adultos e dois plasmas para substituir os antigos, que se encontram sem conserto.

Visivelmente emocionado, pela história dos velhos do Beiral, Sameer Jaffer, vice-presidente da Comunidade Ismaelita em Angola, disse ser urgente a continuidade do apoio aos velhos.

"São nossos pais. Garantimos que, a partir de agora, passaremos a ajudar com os produtos higiénicos, principalmente, lixívia, guardanapos, papel e pensos higiénicos, se necessário, bem como fraldas para adultos", disse o responsável, que defende a necessidade de a sociedade juntar-se aos esforços do Governo no apoio aos mais necessitados.

Em Angola desde 1988, a Comunidade Muçulmana Ismaelita conta com cerca de 800 membros, que, junto da sociedade, têm procurado solucionar vários problemas de índole social, como saúde e educação.

Zahir Sidi disse que a acção feita no Beiral é uma sequência de outras, que se desenvolvem um pouco por todo o país. "Nós juntamo-nos à Rede Aga Kan para o Desenvolvimento (AKDN), uma das redes mais inclusivas no mundo, que, inspirada na ética islâmica da compaixão e da responsabilidade por apoiar os mais vulneráveis, independentemente da nacionalidade ou fé", disse o presidente da comunidade Ismaelita em Angola.



AJUDA Acção da comunidade Ismaelita estende-se por todo o país

TALA-HADY

Distrito com problemas de macro-drenagem

O distrito do Tala-Hady, município do Cazenga, enfrenta graves problemas de macro-drenagem, porque a requalificação da circunscrição não foi concluída, declarou à Angop o administrador.

Simão Ferreira Neto disse que, devido ao trabalho de requalificação, as inundações, no tempo chuvoso, diminuíram, mas, por não ter sido concluído, parte do distrito fica inundado, quando chove.

"Quando for resolvido o problema da drenagem, estará resolvido o problema das inundações, já que a água da chuva poderá escoar para as bacias de retenção dos bairros Agostinho Neto e BCA.

Simão Ferreira Neto apontou que existem três quarteirões do bairro da Madeira que são muito afectados pela falta de limpeza das valas que estão próximas. Acrescentou que o desassoreamento da vala de drenagem Cazenga/Cariango permite a evacuação das águas residuais do distrito do Tala-Hady.



OBSTRUÇÃO Sem saída para as águas

Resenha da Semana

SEROPOSITIVOS

AUSÊNCIA DE DENÚNCIAS CONTRIBUI PARA DISCRIMINAÇÃO

A ausência de cultura de denúncia, por parte da população, tem contribuído para os casos de discriminação e estigma contra as pessoas portadoras de VIH/SIDA, afirmou em Luanda, o director nacional dos direitos humanos.

José Silva, que interveio no painel sobre estigma e discriminação nos direitos humanos, inserido no primeiro workshop de reflexão sobre a doença, uma iniciativa da União Europeia, ONUSIDA e ANASO, declarou que, apesar de em Angola já existir uma vasta legislação com vista ao respeito dos direitos humanos, a falta de denúncia faz com que se registem casos de discriminação e estigma de pessoas que vivem com VIH/SIDA.

O director nacional dos direitos humanos defendeu a necessidade de se sensibilizar as populações para começarem a denunciar casos de discriminação de pessoas que vivem com VIH/SIDA, quer no local de trabalho, no seio da sociedade ou no meio familiar. José Silva referiu que o Executivo tem cumprido com os compromissos internacionais assumidos no concernente ao respeito dos direitos humanos. A este respeito, destacou que a Constituição da República de Angola já leva em conta os princípios plasmados na Carta Universal dos Direitos Humanos, faltando apenas que a legislação seja adequada à carta magna.

CENTRO BRASIL-ANGOLA

WORKSHOP EM LUANDA ABORDA MONTAGEM DE EXPOSIÇÕES

Um workshop sobre práticas de montagem de exposições de artes decorre, a partir de hoje, em Luanda, no Centro Cultural Brasil-Angola. Dedicado exclusivamente a estudantes de artes, artistas, produtores e montadores, o Workshop tem, entre os seus principais objectivos, o de dotar os participantes de conhecimentos em matéria de percepção sobre o espaço expositivo, fundamento básico da criação e desenho espacial.

A visão geral de métodos e procedimentos de montagem, noções de conservação das obras no espaço expo gráfico, recursos e materiais vão, igualmente, ser abordados durante o Workshop, que decorre até dia 15 próximo.

QUISSAMA

INCÊNDIOS NO PARQUE NACIONAL

O Parque Nacional da Quissama, município de Ikolo e Bengo, tem sido devastado por incêndios. Na terça-feira passada, aproximadamente, 20 hectares foram consumidos por um incêndio, na área da entrada do Parque Nacional da Quissama, de acordo com o Ministério do Ambiente, citado pela Angop.

Mas novo incêndio deflagrou na sexta-feira, a 10 quilómetros da área da primeira ocorrência, segundo a mesma fonte. Até ao momento do seu anúncio, tinham sido já destruídos mais 12 hectares daquela zona de conservação. Com uma extensão de nove mil e 960 quilómetros quadrados, o Parque da Quissama conta com quatro postos fixos para patrulhamento, que são assegurados por fiscais. Instituído como Parque Nacional em 1938, a reserva situa-se na região noroeste do país, numa distância de aproximadamente 70 quilómetros da cidade de Luanda.

Por fim...

ANTÓNIO PIMENTA



CAMINHOS POR ONDE CIRCULA A ÁGUA

Mais do que problemas meramente existenciais, a solução para o fim definitivo das carências no fornecimento de água em Luanda não passa apenas por meras operações de rotina, tampouco pela implementação de mega projectos. De acordo com o PCA da Empresa Provincial de Águas de Luanda (EPAL), Leonídio Ceitas, só na capital, até ao presente momento, foi investido no sector cerca de dois mil milhões de dólares. Investimentos de fundo foram levados a cabo, é verdade. Mas muito há a fazer. De facto, luandenses testemunharam estas melhorias no fornecimento do precioso líquido. Em muitas zonas da cidade, o cidadão deixou de dormir e acordar com as torneiras secas.

Mas existem também zonas nas quais o fornecimento é irregular. Há ainda outros consumidores que, apesar de terem contrato em dia e de pagarem as taxas fixas impostas pela EPAL, não recebem água.

À parte as debilidades que a EPAL apresenta neste sentido, é preciso reconhecer-lhe, entretanto, algum mérito. A empresa vem enfrentando inúmeros problemas para fazer chegar a água aos clientes. Um dos maiores constrangimentos é, com certeza, a vandalização dos tubos de transportação do líquido. Este, na opinião do PCA, é um verdadeiro "cancro" na instituição que dirige.

Existem, contudo, outros problemas estruturantes, cuja solução exige muito mais do que qualquer outra iniciativa, que, eventualmente, a EPAL venha a levar a cabo. A solução deverá passar pela realização de concertações com outras instituições, cuja acção interfere, directa ou indirectamente, nas áreas de intervenção da EPAL.

O crescimento desordenado da cidade, por exemplo, não deixa de representar um incentivo ao "garimpo de água" e à sua venda ilegal. Os prevaricadores rebentam as condutas, porque têm mercado para comercializar a água que furta. Geralmente, os moradores das novas áreas residenciais são os potenciais compradores do líquido, tanto para a construção, às vezes de forma ilegal, de suas residências, quanto para uso diário. O negócio ilegal de água cresceu de forma assustadora em Luanda. Não obstante a intervenção, inclusive, das forças da ordem, o tráfico continua, o que significa que algo não vai bem. Associada a estas falhas está a ausência de fiscalização nos espaços de "garimpo".